

ISSN 1806563-5



ANAIIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DA FATIPI

TEMA: DESAFIOS ÉTICOS E TEOLÓGICOS DAS NOVAS TICS

Nº 15 ■ Julho de 2024 ■ São Paulo - SP

# TEOLOGIA e SOCIEDADE

## **PALESTRA DE ABERTURA DO CONGRESSO**

*Prof. Dr. Jason Byassee*

*Reação: Profa. Dra. Isabel Orestes Silveira*

## **COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO**

*CRISTÃ – Tecnologias da Informação e Comunicação para acessibilidade das pessoas com deficiência na Escola Bíblica Dominical – Teólogo Emerson Eduardo da Silva*

## **COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE HISTÓRIA E INTERDISCIPLINAR**

*– Desafios éticos e teológicos das novas Tecnologias da Comunicação e Informação: um olhar sociológico – Prof. Dr. Valdinei Aparecido Ferreira*

## **COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE BÍBLIA E TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

*– Aspectos éticos e teológicos da inteligência Artificial – Prof. Dr. José Roberto Cristofani*

## **COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE TEOLOGIA PRÁTICA**

*– As novas Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas à Teologia Prática – Prof. Dr. Esny Cerene Soares*

## **PALESTRA**

*Prof. Dr. Jason Byassee*

*Reação: Prof. Dr. César Marques*

## **PALESTRA DE ENCERRAMENTO**

*Prof. Dr. Jason Byassee*

*Reação: Dr. Juliano Spyer*



# TEOLOGIA

SOCIEDADE 

## Expediente

Editores: Prof. Dr. Esny Cerene Soares,  
Prof. Ms. Marcos Nunes

Colaboradores deste número:  
Prof. Dr. César Marques  
Prof. Dr. Esny Cerene Soares  
Emerson Eduardo da Silva  
Profa. Dra. Isabel Orestes Silveira  
Prof. Dr. Jason Byassee, Ph.D.  
Prof. Dr. José Roberto Cristofani  
Dr. Juliano Spyer  
Prof. Dr. Valdeinei Aparecido Ferreira

Revisão:  
Mary Ferreira

Conselho Editorial:  
Prof. Ms. Marcos Nunes  
Prof. Dr. Esny Cerene Soares  
Profa. Ma. Shirley Maria dos Santos Proença

Planejamento gráfico e capa:  
Ana Paula Pires

Presidente da FECP:  
Heitor Pires Barbosa Junior

Versão eletrônica:  
[www.fatipi.edu.br/teologiaesociedade](http://www.fatipi.edu.br/teologiaesociedade)

Teologia e Sociedade é editada pela Faculdade de Teologia de  
São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil  
Rua Genebra, 180 – São Paulo / SP – CEP 01316-010

[www.fatipi.edu.br](http://www.fatipi.edu.br)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
Teologia e Sociedade / Faculdade de Teologia de São Paulo  
Vol. 1, nº 15 (2024).

Anual  
ISSN

1. Teologia – Periódicos. 2. Teologia e Sociedade.  
3. Presbiterianismo no Brasil. 4. Bíblia. 5. Pastoral.  
CDD 200

As informações e as opiniões emitidas nos artigos assinados  
são de inteira responsabilidade de seus autores.

ACESSE

[www.fatipi.edu.br/teologiaesociedade](http://www.fatipi.edu.br/teologiaesociedade)

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<i>Prof. Ms. Marcos Nunes</i>	
<b>PALESTRA DE ABERTURA DO CONGRESSO.....</b>	<b>9</b>
<i>Prof. Dr. Jason Byassee</i>	
<b>REAÇÃO À PALESTRA DE ABERTURA: SOBRE VIVER EM UMA ERA DIGITAL.....</b>	<b>23</b>
<i>Prof. Dra. Isabel Orestes Silveira</i>	
<b>COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL.....</b>	<b>34</b>
<i>Emerson Eduardo da Silva</i>	
<b>COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE INTERDISCIPLINAR E HISTÓRIA : DESAFIOS ÉTICOS E TEOLÓGICOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO – UM OLHAR SOCIOLÓGICO.....</b>	<b>38</b>
<i>Prof. Dr. Valdinei Ferreira</i>	
<b>COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE BÍBLIA E TEOLOGIA SISTEMÁTICA ASPECTOS ÉTICOS E TEOLÓGICOS DA IA.....</b>	<b>46</b>
<i>Prof. Dr. José Roberto Cristofani</i>	
<b>COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE TEOLOGIA PRÁTICA AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS À TEOLOGIA PRÁTICA.....</b>	<b>51</b>
<i>Prof. Dr. Esny Cerene Soares</i>	
<b>PALESTRA DE ABERTURA DO DIA 25.10.2024 FAMÍLIA: A MANEIRA INEFICIENTE DE DEUS PARA SALVAR OMUNDO.....</b>	<b>60</b>
<i>Prof. Dr. Jason Byassee</i>	
<b>REAÇÃO À PALESTRA.....</b>	<b>74</b>
<i>Prof. Dr. César Marques</i>	
<b>PALESTRA DE ABERTURA DE ENCERRAMENTO.....</b>	<b>87</b>
<i>Prof. Dr. Jason Byassee</i>	
<b>REAÇÃO À PALESTRA DE ENCERRAMENTO.....</b>	<b>101</b>
<i>Dr. Juliano Spyer</i>	

# APRESENTAÇÃO

*Prof. Ms. Marcos Nunes<sup>1</sup>*

Somos uma sociedade tecnológica.

O avanço das novas TICs é bem-vindo e traz consigo muitas oportunidades e vários desafios éticos e teológicos.

Tecnologias da informação e comunicação (TIC) é uma expressão que se relaciona ao papel da comunicação na moderna tecnologia da informação. TICs são todos os meios (equipamentos e programas) usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação. Os historiadores chamam de a “Quarta Revolução Industrial”.

O uso das mídias digitais propicia à educação teológica e à igreja chegarem a todos os lugares. Vídeos no YouTube, Instagram, Tik Tok, podcasts e outros recursos tecnológicos facilitam a comunicação e aumentam o nosso alcance.

Um desses recursos é a IA – Inteligência Artificial, que ainda é algo que nos desafia, e precisamos nos preparar melhor para fazer uso dessa tecnologia. Como parte dela temos hoje o ChatGPT e o metaverso, que está no início no Brasil, mas que parece ser uma ferramenta pedagógica importante quando tivermos condições de dominá-la.

Metaverso é um mundo virtual onde as pessoas, por meio de seus avatares, podem interagir umas com as outras em vários lugares do mundo e em tempo real. Isso já é uma realidade, especialmente no mundo dos games online.

Na área da aprendizagem, o metaverso abre muitas possibilidades. Imagine um(a) aluno(a) de grego ou filosofia podendo conhecer a Grécia antiga. O professor de Antigo Testamento apresentaria

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela UMESP - Universidade Metodista de São Paulo (2007). Graduação em teologia pela Seminário Teológico de São Paulo (1991) e pela UNICESUMAR (2007). Diretor e docente da FATIPI - Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

aos(às) alunos(as) o templo de Salomão. O professor de história da igreja levaria os(as) alunos(as) para caminhar nas ruas da Roma antiga, nos mosteiros medievais, na igreja de São Pedro em Genebra onde Calvino pregou tantas vezes. As possibilidades são imensas.

Embora o que expus acima ainda demore um tempo para se tornar realidade para todos(as), é necessário desenvolver uma política cognitiva de educação.

É preciso compreender que não se trata de substituição, ou seja, de simplesmente trocar uma metodologia por outra, mas de coexistência. Mas, ao mesmo tempo, isso traz no seu bojo uma série de desafios éticos e teológicos tanto para a educação teológica como para a igreja.

Álvaro Machado<sup>2</sup>, em seu artigo no portal UOL, falando da inserção da tecnologia no mundo da religião, escreveu:

Fiéis gerarão analytics. Analytics gerarão expectativas de conversão. Estas por sua vez guiarão a indústria de vestíveis<sup>3</sup>, aplicativos e algoritmos, sob os princípios da economia de escala. O broadcasting religioso abandonará o modelo Edir Macedo e adotará o modelo Jeff Bezos. Dízimos farão parte da economia das assinaturas. Vestíveis e celulares com programas doutrinários servirão de prêmio e de brinde. Expressões como assistente de Deus, pastor digital, missa assíncrona, preach-to-text (PtT) e preach-to-voice (PtV) serão inventadas e irão se tornar corriqueiras. Muita coisa vai mudar. E muita gente não vai perceber.

No Observatório Evangélico (Dr. Juliano Spyer), artigo do dia

---

<sup>2</sup> Álvaro Machado Dias é neurocientista cognitivo, professor livre-docente da Universidade Federal de São Paulo: <https://www.uol.com.br/tilt/columnas/alvaro-machado-dias/2021/01/06/minha-hipotese-sobre-o-futuro-das-religioes.htm>.

<sup>3</sup> Vestíveis: é um termo geral para um grupo de dispositivos móveis, como relógios (Smartwatches), fones de ouvido, óculos de realidade aumentada e aparelhos para atividades físicas.

30/09/2023, como o título: “Coreanos simpatizam com a ideia de pastor de Inteligência Artificial”:

A adoção da tecnologia ChatGPT por cristãos na Coreia do Sul, que está gerando controvérsias no contexto em que o cristianismo é a principal religião. Startups locais estão desenvolvendo aplicativos que usam IA generativa para estudos bíblicos e serviços de oração. [...]

A polêmica em torno do uso da IA em contextos religiosos está relacionada à sua capacidade de replicar aspectos da espiritualidade e da religião, bem como às preocupações sobre sua precisão, autenticidade e impacto nas práticas religiosas tradicionais.<sup>4</sup>

O artigo traz as críticas quanto ao uso indiscriminado da tecnologia no desenvolvimento de uma espiritualidade sadia.

Autenticidade Espiritual Alguns argumentam que a espiritualidade e a religião são experiências profundamente pessoais e espirituais, e que a introdução da IA nesses aspectos pode parecer inautêntica e artificial. Há preocupações de que a IA possa comprometer a autenticidade da experiência religiosa.

Possibilidade de Erros A IA não é perfeita e pode cometer erros, inclusive na interpretação de textos religiosos. Isso pode levar à disseminação de informações incorretas ou a interpretações religiosas distorcidas, o que é particularmente problemático em contextos religiosos.

Substituição de Líderes Religiosos Há preocupações de que a IA possa eventualmente substituir líderes religiosos, como pastores, na preparação de sermões e orientação espiritual. Isso levanta questões sobre o papel dos líderes religiosos e seu impacto nas

---

<sup>4</sup>Disponível em: [www.observatorioevangelico.org/coreanos-simpatizam-com-a-ideia-de-pastor-de-inteligencia-artificial/](http://www.observatorioevangelico.org/coreanos-simpatizam-com-a-ideia-de-pastor-de-inteligencia-artificial/). Acesso em: 1 out. 2023.

comunidades de fé.

Falta de Inspiração Divina Algumas pessoas acreditam que a inspiração divina desempenha um papel fundamental na religião, e a IA não pode replicar essa conexão espiritual. Portanto, a utilização da IA pode ser vista como carente desse aspecto fundamental.

Ética e Responsabilidade A IA pode ser programada com diferentes crenças e valores, o que levanta questões éticas sobre quem controla a IA e como ela é usada em contextos religiosos. Além disso, há preocupações sobre a responsabilidade quando a IA comete erros ou dissemina informações prejudiciais.

Eu pergunto: o que regerá nossa vida religiosa, os algoritmos, a IA, o ChatGPT ou a espiritualidade centrada no sagrado? Sermões e monografias podem ser produzidos pelas plataformas GPT-3 ou GPT-4, com alto grau de coerência, com citações de autores, bastando que se insira ou faça a pergunta correta.

Oração, leitura e estudo da Palavra de Deus tendem a cair em desuso, sem contar que o verdadeiro pastorado se dá junto ao povo, na caminhada, no cuidado, e não somente no púlpito.

Outro desafio é a produção das chamadas *fake news* que têm causado estragos na sociedade, nas igrejas, faculdades e seminários teológicos.

A tecnologia veio para ficar e cada vez mais irá avançar. Teremos que conviver com ela e, para isso, precisamos entendê-la e usá-la como uma aliada, e não como uma inimiga ou uma substituta definitiva do agente humano, de princípios e valores de fé e teológicos ou mesmo da capacitação divina. Há um aprendizado constante a ser realizado juntamente com o desenvolvimento do caráter.

Também, da mesma forma que se investe em equipamento e tecnologia, há que se compreender a necessidade de investimento no agente humano, que manipula e faz uso dessas tecnologias. Compreende-se que há diversos níveis, tanto de recursos materiais

como humanos, necessários e desejáveis na evolução de seu uso, que podem ser adequados e harmonicamente implementados no dia a dia da igreja e de suas instituições de ensino.

Esses e outros desafios, foram apresentados pelos preletores/as no Congresso Internacional da FATIPI com o tema: “Desafios Éticos e Teológicos das novas TICs”, realizado no auditório da ACM – Associação de Moços nos dias 23 a 26 de outubro de 2023.

É com alegria que apresentamos os textos das palestras ministradas no Congresso, para que seja um documento de pesquisa, reflexão e discussão sobre tema relevante, tanto para a academia, como também para pastores e pastoras, lideranças e igrejas de nosso país.

Boa leitura!

CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DA FATIPI

# PALESTRA DE ABERTURA DO CONGRESSO 23.10.2023

*Prof. Dr. Jason Byassee*  
Ph.D. in Religion, Duke University  
Vancouver School of Theology

Estou muito grato pela oportunidade de estar com vocês nesta semana, amigos. Grato por ter a oportunidade de explorar as dádivas e os perigos inerentes à tecnologia e ávido por aprender com cristãos de outra parte do mundo.

Estou especialmente feliz em estar com vocês, aqui no Brasil, como americano que sou, trabalhando no Canadá. Na América do Norte, tivemos desafios políticos semelhantes aos que vocês enfrentaram, como a pandemia global e uma cultura cristã entrelaçada com a política da nação que trouxe novos desafios à missão da igreja. A desinformação sobre a pandemia, a eleição federal e, até mesmo, um motim nas capitais de nossas nações levaram à desestabilização de nossas pátrias em época de transferência de poder. É quase como se estivéssemos lendo um mesmo roteiro.

Estávamos entusiasmados com as novas oportunidades que a tecnologia digital e as mídias sociais nos deram para espalhar o evangelho. Mas, agora, estamos conscientes de como essas mesmas ferramentas podem promover danos.

Então, o que fazemos com elas? Como usamos essas ferramentas, em vez de nos deixarmos ser usados por elas?

Hoje, quero mostrar como a tecnologia pode, muitas vezes, trazer consigo uma falsa escatologia. Isto é, prometer o que só Deus pode realizar: curar o mundo e fazer novas todas as coisas. Nós, cristãos, devemos ser capazes de identificar e apontar essa verdade para os outros.

Na sequência, quero esboçar algumas outras respostas às novas tecnologias que também são heréticas. A tecnologia é muitas vezes entendida de forma gnóstica: aquela antiga heresia que nega o valor do corpo e da criação. A nossa resposta a esses perigos heréticos, incluindo a minha crítica, pode parecer maniqueísta, ou seja, simplesmente uma rejeição à tecnologia.

Como lidamos com estas duas heresias – a tecnologia como expressão gnóstica e a perspectiva maniqueísta da tecnologia – para obter uma resposta adequada à falsa escatologia da tecnologia? Como discernimos o que é um presente de Deus e ao que devemos dizer não?

A promessa de cada novo aparelho tecnológico em nossa casa tem sido a redução da nossa carga de trabalho e o ganho de tempo livre. Mas esse momento nunca chega, não é? Ninguém fica em casa dizendo: “Hum, agora que eu tenho uma máquina de lavar louça, não sei o que fazer com o meu tempo livre”.

A promessa de Bill Gates de nos vender um computador doméstico era que teríamos todo o conhecimento ao alcance de nossas mãos. Não haveria mais a necessidade de enciclopédias em casa. Minha família teve a sua última enciclopédia em 1982. Alguns diziam que não haveria mais necessidade de bibliotecas. Tudo que você precisa é de um navegador. Mas algo a mais aconteceu com essa mudança. Tornou-se obrigatório adquirir a nova tecnologia digital.

Não comprar novas tecnologias não era apenas uma atitude lúdica<sup>1</sup>, mas também significava fazer mal aos seus filhos, retardar o seu “progresso”, isolar-se do mundo e das oportunidades econômicas.

Recusar a tecnologia nos dias de hoje é ser genuinamente sectário. Você pode recusar a tecnologia, mas as pessoas irão considerá-lo

---

<sup>1</sup> Oposição à industrialização e ao desenvolvimento tecnológico. O termo deriva do substantivo luddismo, nome dado ao movimento de trabalhadores têxteis, ocorrido na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, no século XIX. Seus adeptos se opunham ao uso de certos tipos de máquinas na produção.

da mesma forma que a cultura secular considera os Amish (grupo religioso que vive com total independência de equipamentos eletrônicos) ou Judeus Ortodoxos. Seremos contraculturais, intrigantes e, em última instância, irrelevantes. Não somos livres para ficar sem os dispositivos que regem a vida contemporânea. Devemos nos conectar.

Isto é o que os cristãos veem como uma falsa escatologia. A tecnologia sempre se anunciou com alarde, como se o reino de Jesus tivesse chegado e a salvação estivesse aqui. Daí a incompreensão, até indignação, quando alguém tenta se distanciar dela.

Este hábito de falar de um avanço tecnológico como se fosse o regresso do messias não é novo. Veja a fala de um missionário metodista, em 1850, refletindo sobre a invenção do telégrafo:

Esta nobre invenção será o meio de estender à civilização, o republicanismo e o cristianismo por toda a terra. Deve e será estendido às nações semicivilizadas e, então, às nações selvagens e bárbaras. O nosso governo será o centro desta poderosa influência... O funcionamento benéfico e harmonioso das nossas instituições será visto e outras semelhantes serão adotadas. O Cristianismo deve segui-los rapidamente, e então contemplaremos o grande espetáculo de um mundo inteiro civilizado, republicano e cristão... As guerras cessarão na terra. Os homens “transformarão suas espadas em relhas de arado e suas lanças em foices”... então passará o milênio.

Ora, nem todos responderam ao telégrafo com tamanha hiperventilação escatológica. Henry David Thoreau, ao ser informado de que o dispositivo permitiria que Maine e Texas se comunicassem instantaneamente, fez a seguinte pergunta: “E se o Maine e o Texas não tiverem nada a dizer um ao outro?”.

Wendell Berry, referindo-se ao sistema rodoviário interestadual

dos EUA, observou que ele tornava distantes as coisas próximas; e as próximas, distantes. Mas os subúrbios e os centros das cidades ficaram mais próximos para a conveniência dos passageiros. Disseram-me que os helicópteros fazem algo semelhante aqui em São Paulo.

Só porque você pode fazer algo tecnologicamente, não significa que deva fazê-lo. E este é um ponto em que nós, cristãos, precisamos insistir, porque ninguém mais o fará.

Talvez você tenha visto o filme “Oppenheimer”, sobre a alma torturada do homem que inventou a bomba nuclear. Ao explicar por que se sentia tão mal pelo fato de os Estados Unidos usarem sua invenção, ele disse: “Quando você vê algo que é tecnicamente agradável, você vai em frente e faz; e só discute a respeito do que fazer com aquilo depois que obteve o sucesso técnico. Foi assim que aconteceu com a bomba atômica”.

“Tecnicamente agradável”. A capacidade de destruir uns aos outros. Não posso deixar de me lembrar do salmista, que diz que a Palavra do Senhor é mais doce que o mel (Salmo 19). Oppenheimer chamou sua bomba de teste pelo nome “Trindade”. Ele citou um provérbio hindu depois de seus testes “bem-sucedidos”. Essa é uma falsa escatologia, e nós, cristãos, deveríamos saber disso.

As novas tecnologias anunciam-se com alarde escatológico: maior prosperidade, facilidade, felicidade. Poucos voltariam atrás nos avanços médicos, menos ainda aqueles que não têm a sorte de serem saudáveis sem esforço.

Os avanços nas comunicações, do telégrafo ao telefone, da televisão à *internet*, são mais complicados. Lidaremos mais com eles em nossa semana juntos. Podemos acessar todos os tesouros do mundo em nossos dispositivos e ainda assim ficar entediados.

Os avanços no transporte são mais complexos. Os “avanços” na navegação e na construção naval foram uma maravilha. Os mesmos

navios que primeiro cruzaram o globo também trouxeram doenças e aquisições territoriais para as Américas e a escravidão para a África.

A tecnologia muitas vezes apenas faz mais de nós. E nós, seres humanos, somos pecadores – especialmente quando pensamos que não o somos. A tecnologia promete distribuir generosidade e afastar doenças, desconforto, ignorância e tédio. Mas esconde ultrajes.

Você ao menos sabe quais minerais devem ser extraídos para aquele pequeno supercomputador que você tem no bolso, quem é o dono da terra onde essas minas estão e quem faz o trabalho? Os mesmos tipos de aviões que me trouxeram para São Paulo também espalharam a COVID-19 pelo mundo.

Os *designers* da *internet* e os seus investidores mais ricos elogiam o seu trabalho em categorias religiosas. O que mais eles poderiam usar? A *internet* afirma estar em toda parte, conhecendo todas as coisas; não é onipotente, mas não está muito distante disso.

Futuristas confiantes imaginam um dia em que nossa memória poderá ser carregada e nossa consciência individual preservada após a morte. Os defensores da democracia esperam que a *internet* mantenha a pressão sobre os déspotas, alivie o assédio aos ativistas e torne o mundo um lugar mais aberto. Irá democratizar o acesso à educação, à medida que mais milhares de pessoas poderem acessar a Harvard a partir dos seus *smartphones*.

Mas poucos poderiam ignorar agora, depois do dia seis de janeiro de 2021, em Washington, e 8 de janeiro de 2023, em Brasília, que pessoas totalitaristas podem usar a mesma *Internet* com melhor eficácia para vigiar os mesmos ativistas, espalhar desinformação e desestabilizar a democracia.

Thoreau estava otimista sobre as afirmações escatológicas a respeito dos vários dispositivos de sua época – lamentando “meios melhores para finalidades não melhoradas”. Contudo, ele estava errado sobre o Maine e o Texas. Eles queriam vender coisas um ao

outro. Mas ele estava certo sobre a incapacidade da tecnologia de dizer o que deveríamos querer ou por quê. A WEB pode fornecer todas as informações do mundo, mas não pode torná-lo sábio.

E esta é justamente a nossa maior preocupação com a tecnologia. Sua pretensão onívora. Ela afirma ser capaz de consertar tudo o que nos aflige. Aqueles que se isentam disso são bárbaros atrasados. Aqueles que lideram esta indústria são bilionários merecedores – deveríamos atentar a cada palavra deles (Veja, quem foi que projetou os sistemas pelos quais os ouvimos?).

Na Bíblia, por várias vezes, Jesus promete dar aos crentes tudo o que eles quiserem (Mateus 7:7; 18:19; Lucas 11:9). Isso é confuso. Qualquer pessoa que orou já passou pela experiência de não receber uma resposta ou não receber a resposta que desejava.

Jesus também nos ordena que tomemos a nossa cruz e o sigamos, que amemos os nossos inimigos, que façamos parte de um reino com os ricos derrubados e com os pobres exaltados. Um pregador explica esse mistério assim: Deus nos dá o que queremos, depois que muda nosso desejo. O cristianismo trata da reorientação e da cura do nosso desejo. Em vez de desejarmos a riqueza e a morte cruel dos nossos inimigos, passamos a desejar o que Deus anseia: a criação curada, os nossos inimigos abençoados, a vida com os pobres, o amor a Deus e ao próximo. Ore por isso e Deus o concederá. Eventualmente.

A *internet* também afirma ser capaz de nos dar tudo o que quisermos, sempre que quisermos, se tivermos dinheiro. Pela maneira como olhamos para as telas, um visitante de Marte pode pensar que adoramos esses pequenos deuses em nossos bolsos, brilhando em nossas mãos, atraindo nossos olhos. Platão pensava que um ser humano é uma alma. Os povos indígenas tendem a pensar em termos de uma rede de relacionamentos. Descartes pensava que somos mentes individuais. Mas a nossa época mostra o que é um

ser humano: uma pessoa olhando para pelo menos uma tela.

Os críticos da web apontam que os melhores engenheiros do mundo projetaram esses sistemas para nos viciar. Essas notificações do tipo “clique aqui”, essas “curtidas” nas redes sociais, tudo isso nos dá uma dose de dopamina. Tentar se afastar é tão difícil quanto para um viciado tentar abandonar o cigarro. É muito, muito difícil.

Nas palavras incomparáveis da socióloga norte-americana Sherry Turkle, os dispositivos nos fazem viver “sozinhos juntos.” Prestamos atenção a algum módulo de informação sem contexto, em vez de ao ser humano de carne e osso que está à nossa frente. Ficamos nervosos se não verificamos o *e-mail* em 10 ou 20 segundos.

Zadie Smith, a grande escritora britânica, agradeceu por um aplicativo que desativou sua *internet* para permitir que ela terminasse seu livro. Essa é a nossa grande chance: usar a tecnologia para subverter o domínio da tecnologia sobre nós. Um identificador do Twitter *twittaria* diariamente um lembrete de que você vai morrer. Não é um mau começo. E este é o truque: usar a tecnologia para nos lembrar da nossa condição de criatura.

O cristianismo é o tipo de fé que é mais bem compreendida quando se diz o que ela não é, do que aquilo que é. As heresias vêm de algum lugar – alguma vertente das Escrituras, da tradição ou da prática arrancada do contexto e ampliada desproporcionalmente.

As heresias são geralmente movimentos simplificadores – uma parte da tradição cristã arrancada e transformada num todo, como um esforço para simplificar as coisas, quando, na verdade, deveria ser mantida como parte do mistério paradoxal de uma totalidade irremediavelmente complexa.

Deus é um ou três? Os hereges escolhem um em detrimento do outro; os ortodoxos insistem que é tanto um como o outro. Jesus Cristo é humano ou divino? Os dois: totalmente humano, totalmente divino. Ao longo da história, aprendemos que apegar-nos

a uma parte da tradição cristã e evitar o resto é destruir o todo.

Uma heresia que sempre aparece é o gnosticismo – a heresia que diz que a salvação é um resgate do mundo espaço-temporal, dos corpos, da criação, do pão, do vinho e da água. Assista a “Matrix” ou a “O Show de Truman” e você terá um gnosticismo: o mundo que vivenciamos é uma mentira, devemos escapar para o mundo real.

A nossa era digital ameaça ser uma nova heresia gnóstica: uma falsa reivindicação de salvação à qual a Igreja deveria resistir. Até Hollywood sabe que o gnosticismo tem apelo cristão: quem é o interesse amoroso de Neo em Matrix? Trinity. Quem é o guardião do filme “O Show de Truman”? Christof.

Os gnósticos podem encontrar textos nas Sagradas Escrituras para apoiar o seu escapismo com bastante facilidade, especialmente nas conversas sobre o céu; Jesus, em João, fulminando contra “o mundo”; sugestões de que o conhecimento secreto poderia ter sido transmitido a apenas alguns dos discípulos. No passado, a igreja já esteve neste lugar perigoso, e caiu.

Às vezes, apesar de nós mesmos, somos lembrados de que a redenção cristã sempre foi plena, uma nova criação, um céu e uma terra vindouros. Nossas tendências gnósticas são desfeitas pela nossa conexão com o povo de Deus do Antigo Testamento. O judaísmo é um bom lastro contra a flutuação no éter (vazio).

A *internet* corta totalmente esta cadeia. Pensadores deste tipo insistem que nunca ensinarão teologia “corporificada” ou “sacramental” online. Apesar de todas as maravilhas da *internet*, ali não é um lugar onde você possa fazer uma refeição ou batizar alguém – pelo menos ainda não.

As igrejas online procuram maneiras de contornar isso. Uma igreja local diz que envia itens pelos correios aos membros, ou voa para batizá-los, ou pede às pessoas que peguem comida no armário para comer juntos. Mas, por mais que nossa vida seja possível

online, nosso corpo tem uma teimosia corpórea.

Numa reunião de acadêmicos, John Milbank, a principal voz ortodoxa radical no Reino Unido, e Cornel West, o filósofo-ativista estadunidense, “encontraram-se” numa sessão de perguntas e respostas.

West fez uma pergunta intrigante a Milbank: “Do que você tem medo?” (é uma boa pergunta para medir a temperatura de qualquer ser humano ou igreja). Milbank respondeu: “De um mundo onde as pessoas desejam mais relação sexual online do que a relação sexual corporificada. Isto é, um mundo gnóstico de suposta fuga do corpo, da criação, do alimento e do amor”.

Se por vezes os teólogos cristãos parecem apocalípticos na sua rejeição à tecnologia, os acadêmicos não religiosos podem soar ainda pior – eles tomam emprestada a terminologia cristã para usarem como arma para vencer o diabo.

Veja o relato de um escritor trovejando como qualquer pregador apocalíptico, apesar de parecer não ter compromissos religiosos próprios:

O diabo não se move mais com cascos fendidos, cheirando a enxofre. Ele é um sujeito afável e eficiente. Ele afirma nos ajudar o tempo todo a ter um futuro mais brilhante e mais fácil, e seu discurso marketeiro é discreto... Os dedos tocam nas teclas, um mar de fatos e sensações são baixados, e dissolvidos no sistema nervoso. Poços de dados infinitos são acessados e manipulados, tudo fluindo na velocidade do circuito. A pedra no campo se foi, a enxada, quebrada, as distâncias, cansativas... Do fundo do coração ouço a voz que diz: “Recuse”.

Esta linguagem não é diferente da linguagem dos profetas hebreus ou de João Batista, ou dos monges e freiras do deserto que os imitaram fugindo do mundo e dando origem ao monasticismo. Precisamos

disso. Algo recorrente neste livro é que precisamos de pessoas que recusam a tecnologia, assim como os cristãos que renunciaram ao dinheiro, ao sexo e ao poder buscando um relacionamento mais profundo com Jesus.

O Protestantismo é uma experiência de 500 anos em que temos a chance de ver se podemos viver o cristianismo sem que ninguém se torne monge ou freira. Os retornos não são bons.

Birkerts não é um monge e, portanto, exige algo sobre o qual ele vê poucas evidências. Um apocalipcismo sem esperança: é isso que ele projeta.

Vemos nessas várias rejeições retóricas da tecnologia um renascimento da antiga heresia cristã do maniqueísmo. A visão de que o mundo é composto de algumas coisas que são essencialmente boas (nós!) e de outras que são essencialmente más (nossos inimigos!) era atraente para muitos no antigo Mediterrâneo.

Seguiu-se uma cosmologia elaborada no seu próprio tempo e lugar, mas, para os adeptos, o resultado foi que os crentes tiveram de fugir deste mundo e de toda a sua materialidade. A criação seria uma espécie de acidente cósmico. Qualquer continuidade disso seria um erro. A procriação era considerada algo ruim – ela aprisionava mais almas nos corpos. O mesmo ocorria com coisas relacionadas ao corpo, como comer e beber – o tipo de coisas nas quais Jesus investia tempo (Por isso era acusado de ser um beberrão e um glutão!).

Cosmologicamente, a luz estaria presa na escuridão e precisaria se libertar, mas não conseguiria. Em termos mais coloquiais, o maniqueísmo é o erro de se pensar em algumas coisas como essencialmente boas e noutras como essencialmente más. Não existe mal essencial no pensamento cristão. Toda a criação é boa, mas caída e sendo redimida por Cristo. Você não pode pegar um punhado de maldade. Tudo o que existe, em virtude de existir, é bom. E

também tende a decair. O mundo é bom, até bonito, mas mortal. Poderíamos até dizer que está ferido, mas sendo curado por Cristo.

Uma denúncia demasiado categórica da tecnologia corre o risco de ser maniqueísta. Ignora os bens que nascem na nossa vida através da tecnologia – bens como medicamentos, transportes, comunicações e trabalho facilitado. Quem desistiria de uma foto antiga de uma pessoa amada que já se foi? A foto faz parte da memória da pessoa.

Denúncias categóricas contra a tecnologia correm o risco de hipocrisia quando suas argumentações são publicadas em livros, escritas em computadores e “twitadas”. Essas denúncias ignoram o fato de que os seres humanos são animais fabricantes de ferramentas.

As Sagradas Escrituras falam com beleza da habilidade daqueles que embelezam o templo com sua tecnologia no Êxodo, daqueles que exploram os tesouros da terra em Jó, daqueles que tocam música para o Senhor nos Salmos.

O primeiro criador é o próprio Senhor, costurando peles de animais para substituir as lamentáveis folhas de figueira de Adão e Eva quando foram expulsos do jardim.

Os intelectuais sempre temeram a tecnologia. Platão se preocupava em escrever, pois temia que isso causasse a deterioração da memória das pessoas. E ele estava absolutamente certo. A igreja Católica medieval temia que a imprensa corresse a sua autoridade, e, de fato, acertou em cheio.

Martin Marty salienta que cada revolução tecnológica na história americana trouxe um novo surto de extremismos. Pessoas que, antes, estavam isoladas, puderam ser encontradas, ou ficar horrorizadas, ou colaborar.

A narrativa do progresso do otimismo norte-americano pressupõe que isto torna o mundo melhor – acaba com as falas equivocadas e traz mais liberdade de expressão. Mas hoje a própria *Internet* pode

estar a desfazer este otimismo – mais “liberdade de expressão” apenas leva a fenômenos como a *Hate Radio* (radio em Ruanda que disseminava o racismo), à trolagem na *Internet* e aos robôs russos.

Os críticos da tecnologia estão geralmente mais certos do que errados, mas se esquecem da simples realidade de que as pessoas adotam o alfabeto, o livro impresso e o rádio porque essas tecnologias tornam a vida melhor.

A igreja anseia comunicar o evangelho – como podemos deixar de usar esses dons? A denúncia categórica da tecnologia digital faz uma interpretação equivocada da própria natureza da igreja. O Cristianismo sempre foi um corpo virtual. O apóstolo Paulo escreveu cartas a muitos cristãos com os quais nunca se encontrou pessoalmente, assumindo uma espécie de autoridade numa comunidade que os incluía.

A igreja é universal no tempo e no espaço e, no passado, utilizou a melhor tecnologia então disponível (cartas transportadas pelas estradas romanas e em navios sobre o Mediterrâneo) para unir as congregações.

A Bíblia muitas vezes lamenta que a comunicação virtual seja inferior à presença corporal. No entanto, estes prêmios de consolação, as segundas melhores cartas, foram canonizados e chamados Escrituras – a própria palavra de Deus.

Muitos dos nossos maiores textos da era patrística começaram como cartas de um bispo para outra congregação – talvez uma comunidade que ele nunca conheceria pessoalmente, mas à qual estaria unido por meio de orações mútuas.

O Cristianismo é uma fé epistolar, baseada em escritos de e para amigos que se conhecem pessoalmente e outros que nunca se viram – mas não é por isso que são menos parte do corpo de Cristo.

Ao longo desta semana, catalogaremos maneiras pelas quais o ministério da igreja se torna possível no ciberespaço que antes

seriam impossíveis.

Temos que estar atentos a novas corrupções nesse novo espaço possível, é claro. No entanto, renunciar totalmente a isso é imprudente. Alguns dos melhores *sites* do planeta são administrados por monges e freiras. Essas pessoas que abandonaram o dinheiro, o sexo e o poder reconhecem os apelos de sua forma de vida. Eles querem que as pessoas saibam disso, então usam a WEB. Dificilmente podemos acusá-los de escapismo gnóstico e desencarnado – assim como não podemos acusar os pais e mães da igreja disso.

O objetivo desta conversa é chegarmos a um meio-termo entre as heresias do gnosticismo e do maniqueísmo; a uma abordagem prática e cheia de esperança para nossas ferramentas online que as mantém exatamente em seu lugar – como ferramentas – e não como nossos mestres. Ferramentas que servem o corpo carnal de Cristo em seu caminho para redimir o mundo.

Observe que a objeção aqui não é contra os danos que a tecnologia pode causar. Precisamos de pessoas que digam “não” à tecnologia. Essas pessoas dedicarão a vida inteiramente à oração, ao serviço e à santidade.

Todos nós precisamos fazer isso às vezes, por um tempo. Assim como todos devem orar, jejuar e abster-se de sexo por um tempo, todos nós devemos, por um tempo, abster-nos da tecnologia. Em oração, por exemplo. Sim, a Bíblia pode ser acessada online, mas toda a nossa comunicação digital também – portanto, é tentador quebrar a comunhão com Deus para comungar com o *Instagram*.

À noite os adolescentes ficam muitas vezes sem dormir para poder enviar mensagens de texto aos amigos. Durante as refeições. Em aula. Há lugares que exigem toda a nossa atenção. Os dispositivos diluem-nos, dividem-nos, levam-nos à publicidade comercial e ao desvio de espaços anteriormente sagrados. Recuse isso, por favor.

Nicholas Carr, de forma muito útil, escreveu sobre como o pas-

toreio na WEB lhe custou a capacidade de se concentrar em textos exigentes por horas a fio. Birkerts teme que a perda da capacidade de ficar entediado nos prive do tipo de atenção profunda necessária para a criatividade genuína. Ambos estão certos. Devemos desligar os dispositivos para ler Tolstoi ou para criar o próximo Tolstoi.

Um amigo meu adaptou um armário, antes destinado a guardar sapatos, para que seus alunos depositassem seus telefones ali, os quais deveriam ser retirados apenas na saída, ao final da aula. Alguns dizem que sua aula de três horas é o melhor horário da semana.

Devemos usar a tecnologia para fazer as coisas que Jesus nos ordenou: amar a Deus e ao próximo; ir por todo o mundo batizando e testemunhando a reparação da criação através do Senhor ressuscitado; ser o próprio corpo de Jesus no mundo, trabalhando junto com o Espírito Santo para unir tudo o que arruinamos. Essa é a escatologia correta – contra a fuga gnóstica (a *internet* está nos salvando!) ou a rejeição maniqueísta (a *internet* está nos condenando!), Jesus é quem está nos salvando.

Agora, depois de respirar fundo, como podemos usar esses dispositivos para a agenda de Deus voltada à redenção do mundo?

Nesta semana exploraremos os bens que a tecnologia digital possibilita para nossa vida; também abordaremos os seus profundos perigos. Usaremos palavras como mediação, encarnação, família e desejo. O tipo de coisas que nos tornam humanos. São as coisas com as quais a tecnologia digital atua, sobre as quais nós, cristãos, nem sempre fomos suficientemente críticos.

# REAÇÃO À PALESTRA DE ABERTURA SOBRE VIVER EM UMA ERA DIGITAL

*Profa. Dra. Isabel Orestes Silveira<sup>2</sup>*

Ao longo da história e da experiência humana, diferentes culturas desenvolveram suas próprias perspectivas para entender as relações que envolvem humanidade e natureza. A busca por compreender fenômenos que abarcam aspectos complexos resultou na consciência de finitude e, portanto, na passagem do tempo. Através de observações, experimentações e pesquisas, houve avanços inovadores na ciência e na tecnologia, fundamentais para causar mudanças cotidianas e sociais de toda ordem. Esse impacto converteu o paradigma que envolvia uma cosmovisão mitológica para um outro que se baseia em explicações científicas. Assim, as experiências humanas e suas interações com o ambiente possibilitaram a aquisição de novas habilidades e a expansão do conhecimento.

Essa característica humana que envolve inteligência evidencia a capacidade da espécie em adaptar-se e buscar recursos para permanecer no tempo.

Nesse sentido,

[...] é sabido desde a própria origem do pensar filosófico que o tempo é um enigma e um desafio insolúvel que se coloca ante a nossa capacidade de compreensão. [...] A experiência do tempo é penetrante, íntima e imediata.

---

<sup>2</sup>Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica PUC/SP. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo – UNESP. Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM. Líder do grupo de Pesquisa – CNPq: Linguagem, Identidade e Sociedade: estudos sobre Mídias (Mackenzie) e pesquisadora do Grupo: Processos de Criação (PUC/SP). Autoras de livros acadêmicos e artista visual.

[...] o tempo é um componente de todas as formas de conhecimento humano, de todos os modos de expressão e está associado às funções da mente. É também um aspecto funcional do Universo. (WHITROW, 2005, p. 9 *apud* SILVEIRA, 2010, p. 20).

No tempo, “[...] todas as coisas tendem a permanecer [...] as coisas e objetos, a partir do momento em que se tornam existentes, ‘tentam’ durar, tentam permanecer” (VIEIRA, 2008a, p. 32). Esse pressuposto assegura que “[...] O ser humano, na condição de espécie, tenta adaptar-se ao meio ambiente, buscando sempre “autonomia e memória”, na tentativa de permanecer no tempo (VIEIRA, 2008b, p. 19).

Isso posto, destaca-se que o objetivo desta reflexão parte da hipótese de que “o tempo é nossa dimensão existencial e fundamental; é a base da criatividade [...]” (PRIGOGINE, 2003, p. 13). Por isso, o ser humano busca soluções inovadoras para viver com conforto e qualidade, uma vez que é motivado pelo desejo humano de permanecer.

Por isso, se pretende relacionar o desejo de permanência com a consciência de finitude e apontar para o fato de que o ser humano desenvolve mecanismos para deixar sua marca no tempo numa tentativa de bloquear o esquecimento. Assim, a problematização que se coloca evidencia as seguintes questões: será que os avanços da tecnologia digital amplificam o desejo humano de ocupar um lugar significativo na história e permanecer no tempo? Como os indivíduos e as sociedades podem se preparar para um mundo cada vez mais influenciado pela IA?

Para essa investigação optou-se pela metodologia qualitativa de base bibliográfica em que autores como Vieira (2008), Silveira (2010) Robinet (2004), Prigogine (2003), Han (2007), dentre outros, poderão sustentar os argumentos que seguem.

Em um primeiro momento, espera-se explorar a temática que envolve o desejo de permanência humana no tempo, para em seguida buscar compreender quais têm sido os esforços, ora extremamente férteis e, por isso, revelam a inteligência, ora à custa de ações que atestam a incompletude da natureza humana.

Nisso reside a força e o percurso argumentativo desta reflexão, haja vista que a intenção será promover um espaço para questionamentos, contribuições e críticas. Isso porque se trata de uma empreitada aberta, e não definitiva.

## MECANISMOS HUMANOS DE PERMANÊNCIA

Percebe-se que o tempo se conecta intrinsecamente a todas as esferas da vida humana, quer seja do ponto de vista individual, quer seja do ponto de vista coletivo. Essa consideração nos remete à perplexidade de Santo Agostinho quando questiona: "*Quid est enim tempus?*"<sup>3</sup>. Sua dificuldade estava em conceituar o termo. No entanto, mesmo sem saber definir o que é o tempo, existimos nele e nele desejamos permanecer.

Esse desejo ancestral por permanência e eternidade revela, por um lado, a negação do fim da existência, por outro, evidencia a consciência de finitude. Além disso, aponta também para a tentativa de suprir a carência de sentido e expõe a travada luta pela ausência de sofrimento e o anseio pela felicidade – aspectos significativos, os quais mobilizam a humanidade para agir e prospectar soluções que lhe garantam a existência ou sobrevivência.

Então, o pensamento opera de forma criativa na busca de soluções e nos faz lembrar da frase que marcou *O Discurso do Método* de René Descartes (1596-1650), "*Cogito ergo sum*", a qual encapsulou a ideia de que a existência do ser humano se deve ao exercício

<sup>3</sup> "Que é o tempo?". Cf. ROBINET, Jean-François. *O tempo do pensamento*. Trad. Benôni Lemos, São Paulo: Paulus, 2004 (p. 66).

do pensar e da sua capacidade de desenvolver o pensamento crítico. Por isso, à semelhança da dificuldade de Santo Agostinho em conceituar o fenômeno do tempo, pode depreender-se que tentar explicar o que é a inteligência humana é uma tarefa extremamente complexa. Parafraseando o Bispo de Hipona, sabemos o que é inteligência quando não precisamos explicitar seu real significado.

A despeito de definições e conceitos, observa-se que as ações humanas inteligentes promoveram a filosofia, a arte, a literatura, a cultura, as tradições, as formas de viver em sociedade e a transcendência, dentre outras criações.

Esses pressupostos citados, a inteligência humana, a consciência da morte e o desejo de permanecer, apontam para o fato de que o ser humano inteligente busca viver, e viver bem. Uma tarefa penosa e constantemente ameaçada pelas crises planetárias, como os desgastes dos recursos naturais, os genocídios, as epidemias, as doenças e as guerras, aspectos que ameaçam de extermínio a espécie humana. E, para sobreviver como espécie, o ser humano foi desenvolvendo artefatos de alta tecnologia. Pode-se afirmar que a Inteligência Artificial (IA) cumpre esse requisito, para o bem e para o mal.

Atualmente, há uma grande difusão e acesso às diferentes formas de recursos tecnológicos capazes de realizar tarefas que exigiriam grande esforço das ações humanas. Para citarmos alguns exemplos, observa-se o desenvolvimento de IA no ramo industrial, no setor automobilístico, na área financeira, na cultura do entretenimento, na segurança governamental, nos serviços públicos, no campo da Comunicação, da Educação e Pesquisas Científicas, dentre outros.

De forma criativa, o ser humano desenvolve ferramentas e dispositivos de busca de informações, como os *chatbots* inteligentes (assistentes virtuais como Siri da *Apple*, *Alexa* da Amazon, *Google*), cujo acesso fornecem respostas para buscas de informações. Outras

Inteligências Artificiais possibilitam diversas funções comunicativas, como a tradução de idiomas, redação de texto pelo reconhecimento da voz etc. Há os dispositivos domésticos munidos de IA que respondem perguntas, outros auxiliam na medicina e saúde propondo diagnósticos, orientando cirurgias, dentre inúmeras ações na área. Portanto, são amplas as conquistas humanas que fazem uso da IA, fruto do desejo de criar sistemas que perdurem no tempo.

A vida humana, mesmo sendo um sistema frágil, cria alternativas para sua sobrevivência. A visão sistêmica do mundo aponta características básicas e gerais de todos os sistemas: permanência no tempo, meio ambiente, autonomia, sensibilidade, memória. Convém destacar que o ato criativo apresenta um alto nível de complexidade e tende, *ipso facto*, a criar mecanismos para permanecer no tempo (VIEIRA, 2008b).

Uma vez que a busca humana por mecanismos inteligentes foi sendo conquistada, houve modificação no modo de se trabalhar, de ensinar, de aprender e de se relacionar. O conceito de localidade, globalidade e distância passaram por mudanças significativas e transformaram a percepção do tempo e do espaço.

A IA, que permite a comunicação online, sugere uma ampla facilidade na conexão em rede, uma vez que a comunicação, quase instantânea, permite o contato entre culturas e o acesso às diferentes notícias, de diferentes lugares e, propõe modos de percepção de mundo. A comunicação em rede também favoreceu o surgimento das comunidades virtuais baseadas em interesses comuns, o que acentua cada vez mais a individualidade exacerbada e pode custar a segurança e a privacidade.

Esse mundo interconectado pode dar a ilusão de liberdade, a ilusão de se haver adquirido conhecimento e a ilusão de se ter obtido sentido para ser e estar no mundo. Todavia, o sujeito carrega consigo a sensação de esgotamento. Nas palavras de Byung-Chul

Han (2017) “a sociedade do cansaço” está relacionada às questões da hipercomunicação, do hiperdesempenho, da valorização da hiperatividade, das multitarefas, da busca pelos relacionamentos entre iguais nos ambientes digitais. E, para o autor, toda desatenção, euforia e agitação, devido à aceleração e ao excesso, desencadeiam doenças psicossomáticas, nervosismo, inquietações, insônia, fobias, vazio existencial, angústia, síndrome de *burnout*, depressão, dentre outras tantas doenças que enfermam a psique e a alma, devido às exigências da sociedade da produção.

De forma categórica Han (2017, p. 71) afirma: “O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando”. “A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver” (HAN, 2017, p. 33).

## **SOBRE VIVER BEM**

Entende-se que a representação do conhecimento pela IA não dá conta da totalidade das complexidades da natureza humana. A IA não pressupõe domínio do conhecimento e das ambiguidades, contradições do comportamento e da linguagem humana que, a depender de cada contexto, são usadas de modos diferentes. Isso, sem detalhar as variações, as dinâmicas culturais e outros fenômenos tipicamente humanos como o raciocínio abstrato, a capacidade de realizar inferências, o potencial criativo e, principalmente, as tomadas de decisões com base em valores morais ou éticos.

A limitação da IA, dentre outras impotências, está na incapacidade de possuir consciência, intuição, subjetividade e interpretação, uma vez que opera com base em algoritmos, os quais se tornam úteis para automatizar tarefas repetitivas, analisar grandes volumes de informações para soluções de problemas encaminhados por con-

teúdos personalizados, baseados em dados que lhe são fornecidos.

Todavia, ao contrário da IA, “a inteligência humana é eminentemente ligada a processos de aprendizagem: ao nascer sabemos pouco do mundo e, ao interagir com a natureza e com a sociedade ao nosso redor, adquirimos nossa capacidade de agir com inteligência” (GOSMAM, 2020, p. 16).

Assim, quando o Prof. Jason Byassee<sup>4</sup> confirma que a tecnologia digital e as mídias sociais podem ser benéficas, mas também podem ser prejudiciais e espalhar danos, aponta para o risco de se observar e de se participar do tempo presente com uma visão simplista, maniqueísta e binária: bem/mal, bom/ruim, descrença/credulidade, certo/errado. Essas polaridades nos remetem ao questionamento cunhado pelo sociólogo italiano, Umberto Eco (1993), que pergunta, “Apocalípticos ou integrados?”, ao descrever a sociedade, a comunicação e a cultura de massa de seu tempo. Algumas pessoas viam a mídia como nociva promotora de alienação – os apocalípticos –, ao passo que outros eram mais otimistas e viam, na cultura de massa, uma ferramenta útil para ser usada de forma criativa – os integrados.

Portanto, as questões que o Prof. Jason Byassee levanta se tornam necessárias e relevantes: “Então, o que fazemos com elas? Como usamos essas ferramentas, em vez de nos deixarmos ser usados por elas?”.

Nisso, percebe-se a importância da reflexão desse tema atualizado que impõe a urgência de compreensão, pois se trata de termos sabedoria para viver bem, em meio a um contexto de aceleração, descarte e consumo. É um tempo em que o imperativo são os excessos: de vozes, imagens, mensagens e dados que abastecem de informações esse sistema capaz de integrar todas as formas de expressões, textos, serviços, valores, criatividade, ideologias,

<sup>4</sup> Jason Byassee: *Ph.D. in Religion, Duke University – Vancouver School of Theology.*

interesses conflitos sociais, interatividade etc., beneficiados pelo computador e pela internet, e principalmente pelo comportamento em rede.

Essa configuração tecnológica sedutora ainda pode apresentar polos dicotômicos, mas o fundamental é a compreensão de que, apesar de a “tecnologia reivindicar uma onipresença, antes reservada apenas a Deus [...]”, permite-nos visualizar uma “abordagem prática e cheia de esperança para nossas ferramentas online que as mantém diretamente em seu lugar – como ferramentas –, em vez de servirem como nossos mestres” (BYASSEE, 2023).

Há que se posicionar frente aos desafios do nosso tempo em que a “era de idolatria digital” está imposta, e viver equilibradamente, isto é, discernir a potencialidade benéfica da tecnologia, mas encontrar disciplina e tempo para o exercício da atenção profunda, da meditação. É necessária a experiência do cansaço, que exige pausa para que depois se reiniciem as atividades laborais. Assim se consegue a escuta amorosa, o relacionamento saudável, a empatia e a vivência da alteridade. Atitudes necessárias para o desenvolvimento de uma vida plena e para o desenvolvimento da criatividade genuína.

Levando-se em conta o fenômeno do tempo na perspectiva humana de duração, argumentou-se que, a despeito das diferentes subjetividades dos sujeitos, de sua atividade interna, “[...] mental, que supõe conhecimento (linguagem e pensamento), percepção, aspectos psíquicos, afetivos, sensorio motores e uma dinâmica que cresce em complexidade” (SILVEIRA, 2010, p. 18), o sujeito desenvolve suas ações aliado ao pensamento e, por isso prefigura projetos no esforço de lhe assegurar permanência.

Todavia, apesar da consciência de finitude e de todo avanço tecnológico, faz-se necessário “combater os lugares que colonizaram nossa vida. [...] E termos a sabedoria de perceber que o problema

não está nos aparelhos. Os dispositivos apenas fazem mais de nós, mais humanidade, em nossa glória e vergonha. O problema é nosso coração pecador, nosso mundo caído, e isso não pode ser resolvido tecnologicamente. Só Cristo pode fazê-lo” (BYASSEE, 2023), pois, em Cristo, permaneceremos eternamente!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das proposições acerca do tempo, do desejo de permanecer, da consciência da morte, das ações criativas que aprimoram a tecnologia como uma das soluções para a busca de sentido, para uma vida de bem-estar de qualidade e para a solução de problemas, encontram-se os argumentos preciosos do Professor Jason Byassee, os quais provocam-nos à reflexão e ajudam-nos a reorientar e reorganizar intelecto e psique.

Assim, levanto algumas questões que se põem em movimento de busca, sob pena de não se encontrar uma resposta única: Qual a importância de discutir os bens e perigos da tecnologia em um contexto cristão? Como a tecnologia digital pode prometer uma falsa escatologia e por que isso é problemático? Como os cristãos discernem os benefícios e os danos causados pela tecnologia em sua vida?

O professor Byassee menciona a tendência da tecnologia em criar uma cultura de escapismo. Como os cristãos podem resistir a essa tendência?

Como a tecnologia digital afeta a nossa conexão com os corpos e com a criação? E como isso está relacionado com o gnosticismo mencionado no texto? Qual é o papel da tecnologia na comunicação e na propagação do evangelho, e como os cristãos podem usá-la de maneira eficaz?

O professor Byassee sugere que a tecnologia pode ser vista como

ferramenta em vez de ser um mestre. Como os cristãos podem manter essa perspectiva equilibrada? Ele faz menção à importância de desligar os dispositivos em momentos específicos. Como podemos encontrar um equilíbrio entre o uso da tecnologia e a necessidade de desconexão?

Por fim, recorda-se a problematização inicial relativa aos avanços da tecnologia digital em que se questionava o fato desses dispositivos ampliarem, ou não, o desejo humano de ocupar um lugar significativo na história e de permanecer no tempo. Pode-se afirmar que os indivíduos e as sociedades tendem a conviver em um mundo cada vez mais influenciado pela IA, e o fato de haver, nos espaços de rede, as possibilidades de ver e ser visto, aumenta ainda mais o sentimento de inadequação, de pertencimento, de autoafirmação em detrimento do simulacro que se cria no ciberespaço.

Essas e outras tantas perguntas servem para nortear a jornada pela vida. Podem auxiliar-nos a manter uma atitude equilibrada e uma existência com propósito, a reorganizar as atitudes e as tomadas de decisão e a reivindicar uma postura ética e comprometida conosco e com o próximo.

Trata-se de olhar para o passado e aprender com os acertos e com os erros. É um convite para viver bem o tempo presente com entusiasmo e contentamento e, acima de tudo, torna-se uma possibilidade de prospectarmos esperanças futuras, na certeza de vivermos eternamente.

## Referências

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GOSMAM, Fábio G. "O Futuro da Pesquisa em Inteligência Artificial". *Revista USP*, (124): 11-20, jan.-mar. 2020 (São Paulo). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/167912/159993>. Acesso em: 10 out. 2023.

HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

PRIGOGINE, Ilya. "O Fim da Certeza". In: MENDES, Cândido (rg.) e LARRETA, Enrique (ed.). *Representação e Complexidade* – Trad. Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2003.

ROBINET, Jean-François. *O tempo do pensamento*. Trad. Benôni Lemos, São Paulo: Paulus, 2004.

SILVEIRA, Isabel Orestes. *Tempo, Semiose e Cultura: uma visão sistêmica sobre os processos de criação no design gráfico brasileiro*. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Linha de Pesquisa: Processos de Criação nas Mídias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010, 230 p. (Tese de Doutorado).

VIEIRA, Jorge. *Ontologia sistêmica e complexidade: formas de conhecimento – arte e ciência – uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento – arte e ciência – uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão, 2008b.

WHITROW, Gerald James. *Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

# COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

*Emerson Eduardo da Silva<sup>5</sup>*

A inclusão e a acessibilidade são valores fundamentais em uma sociedade que busca garantir oportunidades iguais para todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças. A Escola Bíblica Dominical desempenha um papel crucial na formação espiritual, mas enfrenta desafios para garantir que as pessoas que possuem alguma deficiência tenham acesso pleno a essa educação. Neste contexto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) emergem como recursos poderosos para promover a acessibilidade na Escola Bíblica Dominical.

Cristologicamente falando, a acessibilidade está na raiz do Evangelho – ter novamente acesso ao Deus Criador e Sustentador da Vida é a boa nova que vem com Jesus Cristo. Se, por um modo, estamos do outro lado do abismo por causa do pecado, por outro, estamos recebendo, por meio do Cordeiro que tirado o pecado do mundo, a possibilidade de acesso ao Pai pelo que possibilita a comunhão do povo com seu Deus novamente. Todavia, ao perguntarmos pelas práticas eclesiais no decorrer

---

<sup>5</sup> Pós-graduado em Gestão Estratégica de Negócios pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, graduado em Design Educacional pela Universidade Federal de São Paulo, Bacharel em Administração e Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo e Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação Paulistana.

da história, contrariamente ao Evangelho do Cristo, as igrejas não estão isentas da prática segregadora e excludente – elas, por vezes, foram e, ainda, são espaços de exclusão e segregação, bem como foram e, ainda, são, coniventes com a exclusão social (COSTA- RENDERS, 2011, p. 68-69).

As TICs têm o potencial de democratizar o acesso à educação bíblica e espiritual tornando-a inclusiva para todos aqueles pertencentes a uma comunidade de fé, independentemente de suas capacidades físicas ou cognitivas.

## OBJETIVOS

Investigar como as TICs podem ser aplicadas para melhorar a acessibilidade na EscolaBíblica Dominical para pessoas com alguma deficiência e identificar as principais barreiras queas TICs podem ajudar a superar para garantir uma participação plena e significativa. Avaliar aeficácia das estratégias baseadas em TICs na promoção da inclusão e acessibilidade na Escola Bíblica Dominical.

## METODOLOGIA

Este estudo baseia-se em duas etapas metodológicas: a primeira através da revisão da literatura existente sobre o tema, e a segunda em um questionário semiestruturado de entrevista e pesquisa previamente desenvolvido para ser aplicado com participantes da Escola Bíblica Dominical em congregações religiosas. Fortin (2010) destaca que na forma semiestrutural o investigador consegue explorar melhor os sentimentos e percepções dos sujeitos. O objetivo é reunir informações qualitativas e quantitativas sobre o uso atual de TICs na escoladominical, as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência e as estratégias que têm sidoimplementadas para

promover a acessibilidade. Além disso, será conduzida uma análise comparativa entre diferentes abordagens de inclusão baseadas em TICs em variados contextos religiosos. Serão considerados fatores como a acessibilidade de *websites* e materiais digitais, uso de aplicativos móveis, recursos de legendas e tradução, entre outros.

## RESULTADOS

Gil (2006) aponta que as principais barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência são o preconceito, a discriminação e os ambientes sem acessibilidade, porque estes foram criados a partir da concepção idealizada de uma pessoa normal, do “homem perfeito”. Assim, os resultados prévios deste trabalho apontam para o potencial das TICs na promoção da acessibilidade na Escola Bíblica Dominical. Por meio do uso de recursos tecnológicos, é possível eliminar muitas das barreiras que antes limitavam a participação plena das pessoas com deficiência.

Em conclusão, as TICs desempenham um papel crucial na promoção da acessibilidade na Escola Bíblica Dominical para pessoas com deficiência. À medida que congregações religiosas adotam e implementam essas tecnologias, elas estão contribuindo para uma experiência educacional mais inclusiva e significativa para todos os fiéis, em linha com os princípios de igualdade e inclusão defendidos pela sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. “Inclusão de pessoas com deficiência, a responsabilidade social das igrejas”. In: *Caminhando*, São Paulo, v. 2, n. 16, p. 65-76, jul. 2011.

FORTIN, M.F. *O Processo de Investigação*. Loures: Lusociência, 2010.

GIL, Marta. *Acessibilidade, inclusão social e desenho universal: tudo a ver*. 2006. Disponível em: [www.bengalalegal.com/martagil.php](http://www.bengalalegal.com/martagil.php). Acesso em: 13 set. 2023.

COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE INTERDISCIPLINAR  
E HISTÓRIA

**DESAFIOS ÉTICOS  
E TEOLÓGICOS DAS  
NOVAS TECNOLOGIAS DA  
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO  
– UM OLHAR SOCIOLÓGICO**

*Prof. Dr. Valdinei Ferreira<sup>6</sup>*

*“O verdadeiro problema da humanidade é o seguinte: temos emoções paleolíticas, instituições medievais e tecnologia divina.” (E. O. Wilson)*

Minha tarefa nessa comunicação é apresentar-lhes um olhar sociológico dos desafios éticos e teológicos das novas tecnologias da comunicação e informação (TICS). Escolhi o tema do processo de socialização, clássico da sociologia<sup>7</sup>, para a partir dele apontar impactos das novas tecnologias sobre a família e a sociedade.

Socialização é processo por meio do qual são internalizadas as normas sociais. O núcleo familiar é responsável pela socialização primária, e instituições como escolas e igrejas participam do processo de socialização secundária. A socialização primária pressupõe convivência contínua e intensa. Pais sabem quão custoso – sob todos os aspectos – é o processo de tornar uma criança um membro da sociedade. Ao final, obviamente, o processo de socialização é naturalizado e o trabalho duro de educar é revestido pelo cumprimento dos papéis sociais de pai, mãe e filho. Esse é o truque cultural, fazer

<sup>6</sup> Teólogo, e Sociólogo. Mestre em Sociologia pela USP - Universidade de São Paulo – e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Docente na FATIPI - Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

<sup>7</sup> BERGER, P. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

parecer natural aquilo que é uma construção social.

Dito isso, convém pensar como a tecnologia, em suas diferentes manifestações, interfere no processo de socialização primária. Começo propondo um *checklist* para saber o grau de dificuldade que os pais estão enfrentando com o uso dos eletrônicos pelas crianças e adolescentes: seu filho demonstra agressividade quando é convidado a deixar a tela de lado? Prefere se isolar, para usar dispositivos, em vez de conviver com amigos ou com a família? Usa telas durante as refeições ou durante conversas diárias – *não consegue se desconectar*? Mente sobre o tempo de permanência em dispositivos? Perdeu o interesse em atividades que não dependem de telas e prefere o uso de ferramentas?

Em geral, pais respondem “sim” para a maioria das questões acima. Essa é a realidade da maioria das famílias no mundo hoje. Então, não é um problema da sua dinâmica familiar apenas, trata-se de um problema social. Culturas orientais, como a coreana e a japonesa, conhecidas e elogiadas pela disciplina, enfrentam problemas em controlar o tempo que as crianças ficam nas telas. Dois fatos ilustram o que estou dizendo. O Governo japonês estima que haja 1,15 milhão de hikikomori, jovens em reclusão social que vivem fechados nas casas ou nos quartos por meses, e até por anos, jogando videogame e navegando na web. Pais ou familiares cuidam deles. Na Coreia do Sul, foi aprovada, em 2011, a “Lei de Desligamento”, que proíbe que pessoas com menos de 16 anos joguem entre meia-noite e as seis da manhã.

Não estou dizendo que a “Lei de Desligamento” seja a solução. Quero apenas mostrar que não se trata de um problema que só existe nas casas de famílias brasileiras. Por outro lado, é preciso reconhecer que o problema é grave e que ignorá-lo só vai fazer as coisas piorarem.

Os conflitos são cada vez mais frequentes entre pais e filhos no esforço de tentar regular o uso do celular. Retomando o processo

de socialização, afirmei que ele pressupõe convivência intensa e contínua. A realidade do trabalho urbano já se encarregou de retirar os pais da convivência com os filhos entre 8 e 10 horas por dia em pelo menos 5 dias da semana. Pais estressados pelas demandas da vida adulta muitas vezes recorrem ao expediente imediato de oferecer distração para as crianças por meio do manuseio das telas. A cena em restaurantes em que a criança joga, muitas vezes crianças com menos de 2 anos de idade, é muito comum.

Os impactos do uso da tecnologia na etapa em que se dá o processo de socialização são intensos e, como seres humanos aprendem tudo socialmente, desde alimentação até as práticas de higiene, a questão ganha contornos de saúde pública. Em resposta aos problemas de saúde que chegam aos consultórios, a Sociedade Brasileira de Pediatria<sup>8</sup> passou a fazer as seguintes recomendações sobre idade e tempo de uso de telas:

- Menores de 2 anos: nenhum contato com telas ou videogames;
- Dos 3 aos 6 anos, é possível ofertar atividades em dispositivos eletrônicos por 30 minutos a 1 hora, sempre com a supervisão de um adulto, e,
- Entre 6 e 10 anos de idade, é possível ampliar um pouquinho esse limite, desde que exista um acompanhamento de alguém responsável.

Isso é o recomendado, entretanto, a realidade da maioria das crianças e adolescentes vai na direção do uso de 3 a 5 horas de telas para jogar e ver vídeos no TikTok, YouTube e Instagram. Na adolescência, não é incomum que muitos passem mais tempo jogando do que dormindo. As repercussões no desempenho escolar

<sup>8</sup> Disponível em: [www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/criancas-no-celular-saiba-o-tempo-ideal-para-cada-idade/](http://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/criancas-no-celular-saiba-o-tempo-ideal-para-cada-idade/). Acesso em: out. 2023.

e até no abandono da escola são enormes.

O cérebro humano amadurece até os 25 anos mais ou menos. Para efeitos do tema do Congresso, o que precisamos considerar é que as crianças estão em contato com uma tecnologia que mexe profundamente com o cérebro delas uma vez que ainda estão em processo de formação. Isso não é novidade e pode ser compreendido a partir de um experimento científico feito em 1950 por dois neurocientistas da Universidade McGill, Peter Milner e James Olds<sup>9</sup>. Eles implantaram pequenos eletrodos no cérebro de ratos, o local escolhido foi o *nucleus accumbens*, a área do cérebro que regula a produção de dopamina. Essa é a área que se “ilumina” quando um viciado em drogas ingere fentanil ou um jogador tira a sorte grande. Olds e Milner o rotularam de “centro do prazer”. Os cientistas também colocaram uma alavanca nas gaiolas dos ratos. Cada vez que um dos roedores a empurrava, a ação estimulava o eletrodo no centro de prazer do animal. Deixados sozinhos, os ratos continuaram reiteradamente pressionando as alavancas até sete mil vezes por dia. Mesmo com sede, eles recorriam à alavanca, não à água. Ignoraram a fome, recusaram o sexo. Tudo o que queriam se resumia a continuar batendo na alavanca.

Os celulares são desenhados levando em conta os estímulos que produzem nesse “centro de prazer” que há no cérebro humano. É o que os engenheiros das grandes companhias de tecnologia chamam de “tecnologia persuasiva”. Nossos dispositivos eletrônicos não são apenas ferramentas - eles interagem com os usuários tocando nesse centro de recompensa de dopamina. Por exemplo – você já observou que as notificações dos aplicativos aparecem em vermelho? Sabe por quê? O vermelho dispara no nosso cérebro o sentimento de urgência, de que algo é importante, de alerta. As telas de rolagem infinita funcionam do

---

<sup>9</sup> KANG, Shimi. *Tecnologia na Infância: Criando hábitos saudáveis para crianças em um mundo digital* (Portuguese Edition) (p. 64). Editora Melhoramentos. Edição do Kindle.

mesmo jeito – só que com recompensas aleatórias –, o que nos deixa mais ansiosos para saber o que virá na próxima rolagem. O comportamento de checar o celular libera doses de dopamina no cérebro e vem aquela sensação temporária de prazer, satisfação e pertencimento que se segue pela sensação de isolamento novamente e a repetição do ciclo.

Cabe a essa altura que nos perguntemos a respeito do impacto sobre a vida das crianças e adolescentes. Resumidamente são os seguintes:

- Do ponto de vista da saúde física – privação do sono, postura inadequada, dores nas costas e no pescoço, sedentarismo, obesidade, alterações na visão.
- Do ponto de vista da saúde mental – comparação, solidão, exposição constante, agressividade, ansiedade e segurança. Sobre segurança vou falar novamente nas dicas.

Por fim, quero destacar alguns caminhos para as famílias que enfrentam os gigantescos desafios de cumprir a essencial missão de socialização das crianças no mundo dominado pelas TICs. Minhas ponderações são:

### NÃO ENTRE EM PÂNICO, ISSO TUDO É MUITO NOVO

Eu olho para minha biblioteca e não encontro nada que possa explicar o que estamos vivendo porque é tudo muito novo.

Eu gosto muito do que Yuval Harari<sup>10</sup> afirma sobre o processo que estamos vivendo e a diferença entre perplexidade e pânico:

O pânico é uma forma de prepotência. Deriva da sensação pretensiosa de que eu sei exatamente para onde

---

10 HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21* (Portuguese Edition) (p. 33). Companhia das Letras. Edição do Kindle.

o mundo está se dirigindo — ladeira abaixo. A perplexidade é mais humilde, portanto, mais perspicaz. Se você tem vontade de correr pela rua gritando “O apocalipse está chegando!”, tente dizer a si mesmo: “Não, não é isso. A verdade é que eu não compreendo o que está acontecendo no mundo”.

Não vamos viver sem tecnologia. Nossa vida está rodeada de tecnologia. O que precisamos é usá-la a nosso favor.

### SER EXEMPLO DO USO RESPONSÁVEL DAS TELAS

Já mencionei como é frequente nos restaurantes as crianças entretidas no celular ou tablet enquanto os pais almoçam, conversam e se divertem. Mas não é incomum que a família toda esteja com a atenção no celular. Principalmente para as crianças pequenas, é importante você dizer o que está fazendo no celular: “Agora vou mandar mensagem; agora estou pagando contas; agora estou fazendo uma pesquisa”. Se você não disser, elas vão crescer pensando que você jogava o tempo todo também.

Não adianta você dizer para seus filhos saírem do celular e irem se exercitar, por exemplo, se você não faz isso. Não adianta falar para eles não usarem o celular nas refeições se você também usa.

### ADIAR O MÁXIMO POSSÍVEL A EXPOSIÇÃO ÀS TELAS

Uma criança pequena não precisa de um celular para si, mas precisa sempre da companhia de um adulto responsável. Se a criança tem menos de dois anos, adie a oferta de telas e siga as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria: nada de tela

antes dos dois anos de idade; tempo máximo de trinta minutos até uma hora, dos três aos seis anos, e daí em diante isso pode ser ampliado, mas sempre com supervisão.

Quando Steve Jobs apresentou o Ipad, em 2010, perguntaram-lhe se os filhos dele usariam. Sabe o que ele disse? “De jeito nenhum!” Sabe quantos anos tinham os filhos de Bill Gates quando ele liberou o celular? Catorze anos, e disse se arrepender de tê-lo feito. Será que esses caras sabem alguma coisa que nós não sabemos sobre os efeitos da tecnologia no cérebro humano?

### PRIVACIDADE NEGOCIADA COM OS ADOLESCENTES

Já foi o tempo que os pais ficavam tranquilos porque o filho estava no quarto em casa. O quarto conectado não é, infelizmente, um lugar seguro. Por isso, qualquer privacidade precisa ser negociada hoje em dia. A tecnologia pode ser uma ferramenta de manipulação do comportamento de crianças e adolescentes por parte de criminosos. Eles se aproveitam principalmente das características do cérebro na adolescência, que é bioquimicamente direcionado para três comportamentos produtores de dopamina:

- Correr riscos
- Tentar fazer coisas novas
- Ser admirado pelos amigos

### CONVERSAR SOBRE O QUE ESTÃO VENDENDO/FAZENDO/JOGANDO

Adultos são extremamente ocupados, entretanto, socialização é um processo que demanda continuidade e intensidade, portanto,

supervisão e muita conversa com as crianças e adolescentes são essenciais. Se for preciso, veja o histórico de navegação. Os dados sobre a Geração Z – pessoas nascidas entre 1995 e 2012 – são estarrecedores. Elas estão menos confiantes, menos propensas a assumir riscos, a aprender a dirigir ou a enfrentar um valentão na escola. Dispararam as taxas de depressão e suicídio dessa geração na última década, quase acompanhando perfeitamente a expansão do smartphone. Não há outro caminho senão investir cada vez mais na socialização primária.

## COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE BÍBLIA E TEOLOGIA SISTEMÁTICA

# ASPECTOS ÉTICOS E TEOLÓGICOS DA IA

*Prof. Dr. José Roberto Cristofani<sup>11</sup>*

Obrigado, meninos e meninas. Boa tarde, quase boa noite. Desde já agradeço pela presença e pela atenção.

Quero fazer algumas provocações do ponto de vista de um professor de Antigo Testamento e leitor da Bíblia que tem exercitado tecnologia há algum tempo. Gostaria de falar da IA – Inteligência Artificial – apenas em seus aspectos éticos e teológicos. Então, vou falar sobre um aspecto ético e um desdobramento teológico.

A tecnologia não é para meter medo na gente. Tenho ouvido a palavra medo constantemente. O medo da tecnologia advém da nossa falta de domínio dela, é como quando enchemos a mão de água e ela escorre pelos dedos. Esse é o nosso medo, a falta de domínio sobre a tecnologia. Essa é uma imagem fantasmagórica da tecnologia que não deve nos meter medo.

Outro pressuposto básico é que se fala de tecnologia como um ente com vida própria. Ontem a professora Isabel colocou que nós passamos da mentalidade mitológica para a mentalidade racional, e eu acho que o nosso olhar para a tecnologia tem sido mitológico.

Mas é preciso lembra que a tecnologia é um computador programado por você, não é um fantasma. Ela não caiu do céu ou emergiu do inferno, no sentido mitológico. Tratar a tecnologia como um ser sobrenatural é mitologia, é um mito que estão tentando, de alguma forma, teologizar, em nosso caso, chamando de heresia, pontuando

---

<sup>11</sup> Teólogo. Doutor em Antigo Testamento, Especialista em Informática na Educação, Docente na área de Antigo Testamento na FATIPI - Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

a ideia como se ela existisse por si.

Devemos encarar a tecnologia como a expansão das capacidades humanas. Por exemplo, você tem o carro para expandir a capacidade das suas pernas, carro elétrico para ser politicamente correto (porque eu sonho com um Tesla). A tecnologia da informação, o mundo digital, é uma expansão da nossa capacidade cerebral, e a inteligência artificial eu a encaro como uma expansão do nosso cérebro; não da nossa mente nem do nosso espírito, pode até ser do nosso corpo quando, por exemplo, um exoesqueleto ajuda pessoas com deficiência a caminhar.

Mas quero focar no cérebro. Ao utilizar a Inteligência Artificial, a gente tem uma expansão da nossa capacidade. É bastante simples entender. Você está preparando o seu sermão. Meu desafio é que você pegue um texto bíblico. Pode ser um texto fácil do Novo Testamento, como João 3.16. O desafio é você criar 10 títulos de sermões sobre esse versículo. Certamente, que nossa capacidade criativa é limitada. Então, desafio você a usar a Inteligência Artificial, pode ser o ChatGPT para formular os 10 títulos para o seu sermão. O resultado é que a IA expande as possibilidades de formular os temas da pregação.

Os recursos da Inteligência Artificial (temos aqui uma lista de 45 aplicativos de IA) podem ser usados como ferramentas que trabalham a nosso favor, que expandem nossa capacidade de enxergar o mundo, expandem nossa capacidade de locomoção, expandem nossa capacidade de conhecer o universo e até o que a gente não conhecia há bem pouco tempo, o multiverso.

O ChatGPT, por exemplo, é um instrumento poderoso para gerar ideias porque ele é alimentado com ideias de milhares de pastores e pastoras, com milhares de autores, com bilhões de *terabytes* de informação. Então, você entra em diálogo com essa expansão.

O problema ético existe, mas é um problema do caráter humano,

e não da tecnologia. O professor tem medo de que o aluno domine a tecnologia, e quem já tem cabelo branco tem ainda mais medo da tecnologia, porque vocês sabem mais que a gente. Muitos nasceram com celular na mão.

Como professor, eu dou aos meus alunos de pós-graduação, logo na primeira aula, uma lista de aplicativos de produção de texto que ajudam na correção de estilo, que adaptam o texto às normas da ABNT, que sugerem correção gramatical. Contei isso para um colega e ele me disse: “Ah, assim ficou muito fácil para o aluno”. Mas isso é pedagogia, é facilitar o acesso ao conhecimento, e é do conhecimento que ele precisa, e não do uso da tecnologia. Ruben Alves dizia que há um dedo que aponta para lua, mas ai de quem fica olhando o dedo. Muitas vezes ficamos olhando o dedo da tecnologia e esquecemos que ele está apontando para uma coisa magnífica que é o conhecimento (nossa lua prateada).

Temos medo de que os alunos usem a tecnologia para burlar as normas. Para isso temos aos softwares para detectar plágio. Fato é que essa é uma questão de caráter que você não resolve com um detector de plágio, você não resolve com a nota – você resolve com discipulado, você resolve com a pregação do Evangelho e a transformação do caráter.

É muito difícil mudar o comportamento de quem vem de doze, treze, catorze anos anteriores à Faculdade tendo sido treinado para fazer vestibular. De repente há uma mudança, e as pessoas não estão preparadas para enfrentá-la. Essa é uma questão ética.

A questão teológica da Inteligência Artificial é se aquilo que o Chat GPT nos sugere vem de Deus ou não. Essa é uma crise que eu enfrentei desde o início. Isso é inspirado? Isso vem de Deus? É o Espírito Santo que está facilitando esse acesso? Posso ver ação de Deus no ChatGPT?

Essas são questões que eu já resolvi, claro, mas que vieram à

minha mente. Logo no início, quem me apresentou o ChatGPT foi meu filho, e quem me apresentou o smartphone foi minha filha. Eles me puseram dentro de um desafio para o qual eu não estava preparado. Lembro, e não faz muito tempo (em termos de tecnologia, dez anos é a época do dinossauro), que um colega falou de um celular que ele comprou por R\$ 60,00 (Nokia). Pois é, a gente dá risada porque é do tempo dos dinossauros.

Ontem alguém disse que no final de um filme de ficção alguém puxa a tomada e desliga o monstro do computador. Agora eu quero saber como é que a gente vai desligar a energia solar, porque não existe mais tomada, como é que você vai desligar o sol? Em razão disso, há uma coisa que quero dizer: em vinte anos, mudou tudo e a tecnologia evoluiu muito.

Esta é outra coisa que mete medo na gente: há uma revolução a cada semana... uma Startup cria um mecanismo novo. Então, do ponto de vista da teologia, o desafio é você ter isto que foi dito aqui pelo Reverendo Marcos, a necessária espiritualidade e compreensão de que a vida com Deus é relacionamento, e não é uma via de mão única, como no ChatGPT, e qualquer Bard, e outras coisas que nos ajudam a preparar estudo bíblico, sermão e até conversar com as pessoas. Sem dúvida, tudo isso pode ser usado e é utilizado pelo Espírito Santo, como o telefone ou qualquer tecnologia.

Proponho, como saída para superar essa questão ética e a questão teológica, dois pontos. Primeiro, a criatividade. O ChatGPT só entrega aquilo que você pede. Em sala de aula, fizemos exercícios com a turma que está agora no terceiro ano, com *prompts* que criei de Exegese Bíblica para facilitar a vida deles. Fizemos um exercício no livro de Amós. Fiquei brincando com ChatGPT para ele analisar palavras hebraicas. Ele criou palavras que não estavam no texto e inseriu palavras que não estavam ali. Você o corrige, ele pede desculpa e vai para frente.

Assim, a Inteligência Artificial pega um conhecimento que você tem, acelera e multiplica esse conhecimento. Por isso, o ChatGPT é a arte de fazer perguntas. E isso é supereducativo porque, afinal de contas, segundo a tese mais aceita em educação, o dever de uma professora, de um professor é ensinar os alunos a fazerem perguntas, e não oferecer respostas. Uma pergunta bem-feita recebe uma resposta bem formulada. E é um aspecto que eu chamo de criatividade – usar a tecnologia com criatividade. E isso não é o cérebro que faz, mas é a mente, são as conexões neurais, as redes neurais, que nos permitem fazer as conexões necessárias entre espiritualidade e vida prática, entre emoções e sentimentos; é o que nos torna humanos.

Em segundo lugar, a outra saída que eu vejo para esse fantasma da tecnologia é a inovação. Precisamos ser inovadores criando mecanismos não apenas para domar essa fera, mas também devemos ser inovadores, no sentido que se define inovação: pegar uma tecnologia existente e fazer um uso novo dela.

Por exemplo, a garrafa PET virou uma coisa extraordinária. O que se faz com garrafa PET hoje em dia é pura inovação. Ela já foi criada, mas agora se faz tecido dela, se faz uso artístico dela. Tudo isso é inovação, é você pegar essa garrafa e dar uma nova finalidade para ela.

Para concluir, é bom ter em mente, o tempo todo, que por trás da Inteligência Artificial (e tecnologias em geral) tem gente de carne e osso, com interesses, com visões políticas, com intenções, com sentimentos, com espiritualidade e com tudo aquilo que nos constitui seres humanos.

# COMUNICAÇÃO DA ÁREA DE TEOLOGIA PRÁTICA

## AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS À TEOLOGIA PRÁTICA

*Prof. Dr. Esny Cerene Soares<sup>12</sup>*

Nosso tempo é marcado pelo predomínio da tecnologia permeando as atividades humanas. A geração atual está totalmente integrada a esta realidade, e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) fazem parte do dia a dia dos nossos adolescentes e jovens.

No entanto, é preciso que pensemos de que maneira as TICs podem ser utilizadas, absorvidas, aproveitadas no labor da Teologia Pastoral e na Teologia Prática.

A Teologia Pastoral é o braço da Teologia responsável pela teologia da *praxis*. Ela articula o pensamento teológico com a realização prática da Teologia, debruçando-se sobre o trabalho e atuação não só dos pastores, mas também de toda a igreja na história e no mundo.

Além disso, a Teologia Pastoral leva a ética e as teologias cristãs para o diálogo com o mundo. Libânio entende que “a teologia moderna define a pastoral como agir da igreja no mundo, na história, na sociedade”<sup>13</sup>.

Num primeiro momento, é preciso compreender que as TICs são ferramentas e, como ferramentas, elas podem ajudar a construir, podem trazer contribuições substanciais positivas ou podem, quando mal utilizadas, causar prejuízos. As ferramentas em si não são boas nem ruins; isso depende de quem as maneja, da expertise

---

<sup>12</sup> Teólogo, Psicólogo e Advogado, Mestre em Ciências da Religião pela UMESP - Universidade Metodista de São Paulo (1999) – e Doutor em Psicologia pela USP - Universidade de São Paulo. Docente na FATIPI - Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

<sup>13</sup> LIBÂNIO, J. B. *Pastoral numa sociedade de conflitos*, Petrópolis, Editora Vozes, 1982, p. 13.

de quem lança mão delas, se quem a utiliza tem habilitação para usá-las e se sabe exatamente o que quer alcançar com o seu uso. Toda ferramenta funciona assim: bem utilizada, cumpre seu papel; mal utilizada, causa acidentes.

No nosso caso, as TICs aplicadas à Teologia Prática precisam ser encaradas como ferramentas úteis e com potencial de contribuir positivamente para a igreja e para o reino de Deus, especialmente por serem elas uma nova forma de acesso às pessoas, uma nova maneira de chegar até aqueles que, possivelmente, não seriam alcançados de outra forma.

Como afirmado acima, a geração de jovens e adolescentes é nativa no mundo digital, absolutamente imersa no universo digital e, em razão disso, muito mais acessível por TICs do que por outros meios de aproximação e contato. Num tempo em que as igrejas registram a perda do contato com as gerações atuais, esse é, por si só, um dos argumentos que justifica o uso das TICs pela igreja e seus líderes.

Se a igreja e seus líderes abrirem seus horizontes, será possível considerar muitas aplicações das TICs como facilitadoras do nosso trabalho pastoral. Por exemplo, deve-se considerar como é satisfatório o trabalho de aconselhamento pastoral por videoconferência. Durante a pandemia, o Conselho Federal de Psicologia teve que se desdobrar e autorizar de maneira apressada o uso da videoconferência na prática de psicoterapia por parte dos profissionais de Psicologia. Embora seja verdade que a Portaria que regulamentava o atendimento por videoconferência seja anterior a 2020, com a pandemia de COVID-19, foi necessário ajustar a norma rapidamente, para que todos os psicólogos pudessem dar continuidade ao trabalho de psicoterapia pelos meios digitais.

A partir disso, muitas pessoas passaram a ter acesso ao atendimento psicoterápico mesmo muito distantes geograficamente dos

seus terapeutas, graças às TICs. O aconselhamento pastoral segue a mesma regra. Os pastores e líderes, igualmente, podem alcançar pessoas em lugares distantes e antes inacessíveis por videoconferência. A videoconferência permite que nos comuniquemos com clareza, por meio de expressões faciais, de reações, e que percebamos o estado de ânimo dos aconselhados.

Além disso, as TICs podem e devem estar associadas a todas as formas de poimênica. Poimênica designa um conceito que abriga todas as estratégias de cura que a igreja pode criar para acessar a sociedade.

Há no Brasil (e em muitos outros países) uma instituição denominada CVV – Centro de Valorização da Vida. E o CVV é, na verdade, uma instituição que visa a alcançar pessoas em situação de crise existencial e ajudá-las pelo aconselhamento realizado por pessoas muito bem treinadas e instruídas.

Atualmente, o CVV utiliza-se de todas as TICs possíveis para que as pessoas que estejam experimentando dificuldades emocionais agudas tenham acesso ao serviço oferecido.

A vivência de crises existenciais tem sido a tônica do nosso tempo. A mensagem do Evangelho de Cristo se mostra como uma mensagem poderosa para contribuir positivamente com as pessoas que estão precisando de uma palavra, de um encontro humano de qualidade e de um pouco de esperança. Se a igreja assimilar o atendimento dessas pessoas como parte do seu ministério e fizer uso das TICs, muitos serão beneficiados.

É possível, por exemplo, implementar em nossas igrejas grupos de aconselhamento cristão, que possam prover acolhimento de pessoas que buscam uma oportunidade de conversar com alguém a respeito de seus próprios problemas. Com as TICs, esse atendimento pode ser realizado a distância, com o uso das ferramentas de videoconferência. Pode-se pensar em treinar pessoas da igreja,

homens, mulheres, jovens, adolescentes, a utilizarem as técnicas de aconselhamento pastoral, na forma de um programa de acolhimento a pessoas em situação de crise.

A mensagem do Evangelho, se bem aplicada, pode beneficiar muito pessoas nessa condição. Por isso, a poimênica é enriquecida quando consideramos trabalhar com as TICs.

A comunicação do Evangelho também pode ser impactada com o uso das TICs. É preciso levar em consideração que tem havido uma avalanche de *podcasts* e de vídeos nas plataformas digitais produzidos por pastores e por igrejas. Embora isso seja por si só algo importante e relevante, por outro lado, a qualidade do material é quase sempre duvidosa e, muitas vezes, o conteúdo teológico é questionável.

Além disso, temos um número enorme de *podcasts* e de vídeos nas plataformas que se perdem no oceano da WEB, que se embaralham, se misturam, se equivalem. Temos observado muitos colegas pastores fazendo podcasts diários, de pequenas meditações, muito úteis e de boa qualidade, mas que caem na rede, se misturam e se perdem em meio a tanta diversidade. Da mesma forma que temos lixo acumulado no mar, a poluí-lo, há também uma poluição de materiais que estão na WEB e que o cristão comum muitas vezes não sabe filtrar. Isso é uma das coisas para nós pensarmos: como poderemos produzir material de qualidade e fazê-lo se destacar entre tantas publicações que circulam no oceano da *internet*.

Cabe a nós pensarmos em como será possível usar a criatividade para fazer com que um material produzido com cuidado, que todos nós temos condições de produzir, possa chegar às pessoas que precisam, sem o risco de se perder nesse oceano de *podcasts* e de vídeos que estão circulando pelas plataformas. E a tecnologia também dispõe de mecanismos que permitem, com pouco investimento, destacar conteúdos e fazer com que eles cheguem às pessoas certas.

Uma outra aplicação seria a produção de material para a edu-

cação cristã. As igrejas têm o hábito de formar classes para novos crentes. Conhecendo as TICs, o que nos impede de produzir um material próprio da nossa igreja, inclusive da igreja local, que trate das doutrinas da igreja, das características da nossa comunidade de fé, da história da igreja cristã, da história da Igreja Presbiteriana Independente, na forma de vídeo que possa ser usado como um aliado às aulas a serem ministradas na escola dominical?

Essa pode ser uma boa aplicação. Na igreja onde exerço meu ministério pastoral, de um tempo pra cá, nós estamos produzindo esse tipo de material. Reduzimos um pouco o número das aulas que ministrávamos para os novos crentes e estamos produzindo um material com os temas essenciais para alguém que precisa conhecer a Cristo e à sua igreja; depois de os alunos assistirem aos vídeos (vídeos curtos, de dez minutos, no máximo), tem sido possível promover uma discussão em aula a respeito do que eles perceberam e aprenderam, sobre o que eles viram e sobre as dúvidas que eles têm sobre aqueles temas. Este é um exemplo bem simples e factível do uso das TICs.

Atualmente, quase todas as igrejas estão transmitindo os seus cultos ao vivo. A transmissão dos nossos cultos tem sido tema de discussão. Há muito questionamento quanto à pertinência de transmitir ao vivo os cultos, e tenho encontrado colegas questionando se devem ou não continuar na transmissão do culto, sob o argumento de que muitos deixaram de frequentar os cultos presenciais depois que se iniciaram as transmissões.

Na verdade, nós todos fomos empurrados para a transmissão de cultos online durante a pandemia. Poucas igrejas não tinham alguma estrutura para a transmissão dos cultos, com alguma qualidade, antes da pandemia da COVID-19.

Neste momento, a maioria das igrejas transmite seus cultos e, dificilmente, alguém terá coragem de deixar de transmiti-los. É impensável

que nós pensemos em regressir à realidade anterior à pandemia.

E a discussão que precisamos fazer é a seguinte: uma transmissão bem-feita, com qualidade razoável de som e imagem, que publique um culto bíblicamente bem fundamentado, com um sermão alicerçado na Palavra, de boa Teologia Reformada pode alcançar muitas pessoas, inclusive pessoas que não conheceriam a nossa igreja de outra maneira.

Além de tudo o que falamos, as igrejas precisam pensar no tema da inclusão. As TICs permitem que deficientes auditivos acompanhem os cultos transmitidos pela internet, pois é possível prover uma tradução simultânea por libras de todo o conteúdo exposto.

Outra aplicação bem acessível das TICs está na área da Educação Cristã, especialmente na Escola Dominical, que atualmente tem sido um dos desafios novos da igreja. Muitas igrejas estão abandonando a prática do ensino da Palavra e muitas comunidades de fé já abdicaram da escola dominical. Muitos entendem que a escola dominical é um movimento fracassado. Eu entendo que a educação cristã é fundamental para que nós compartilhemos um evangelho saudável, baseado na Bíblia, e que esteja fundamentado nas premissas da Teologia Reformada.

Não é possível fazermos igreja sem educação cristã. Então, a escola dominical, como instituição de educação cristã, num ou noutro formato, é fundamental para a vida da igreja. E é possível criar muitos materiais com o uso das TICs para a educação cristã, especialmente para ser dirigido à “geração digital” que está na nossa igreja.

Há ainda igrejas para as quais o melhor recurso audiovisual para se contar a história bíblica às crianças é o flanelógrafo. Todos nós estamos diante de uma geração que é totalmente digital e que não suporta métodos tão arcaicos, porque a velocidade da informação é muito grande, e nós, como igreja, perdemos quando não investimos

em novas tecnologias.

Por isso, na educação cristã, nós precisamos pensar em materiais que sejam 100% digitais, especialmente para essa nova geração. Eu tenho procurado material para ser utilizado pela Escola Dominical na igreja onde sou pastor e eu conheci uma empresa que dispõe de material para educação cristã que é inteiramente digital, pensado e voltado para as nossas crianças e adolescentes.

Trata-se de material digital, atrativo, bonito e que facilita o acesso de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Esse é o caminho que nós precisamos percorrer na educação cristã.

Contudo, há uma questão a ser trabalhada: a humanização no uso das TICs. A igreja continua sendo feita por gente, e o que alimenta as pessoas é o relacionamento humano, que pode ser mediado por tecnologia de informação e comunicação, mas não pode ser substituído.

Um ministério que tenha bom uso das TICs precisa comunicar o Evangelho de forma efetiva, fazendo com que a mensagem chegue às pessoas, de uma forma que elas tenham a percepção de que estão se relacionando com pessoas, e não com robôs, não com um computador, não com *smartphone*. É preciso ficar claro que elas estão se relacionando com pessoas de carne osso, pessoas reais. A inteligência pode ser artificial, mas a igreja de Cristo não é artificial, ela existe de verdade e é formada por pessoas.

Igreja é feita de gente que pode ser beneficiada pelas TICs, mas que será prejudicada se substituirmos o relacionamento humano por relacionamento puramente tecnológico e digital.

Por fim, nós estamos vivendo uma epidemia de solidão. E isso tem sido matéria diariamente veiculada nos meios de comunicação. Nos Estados Unidos e no Canadá, as pessoas estão entendendo que solidão já é um problema de saúde pública há bastante tempo. As pessoas são solitárias e têm acesso às TICs. Isso significa que não é a

tecnologia da informação e comunicação que vai tirar as pessoas da solidão, mas é o relacionamento humano com pessoas significativas.

Esse relacionamento humano com pessoas significativas pode ser mediado pelas TICs, mas não pode ser substituído. No final da década de 60, foi publicado um livro nos Estados Unidos cujo título era *Revolução da Esperança*, escrito por Erich Fromm. Se lermos este livro hoje, quase 60 anos depois, vamos precisar reconhecê-lo como um livro profético.

Num tempo em que os computadores eram ainda incipientes, Erich Fromm previu que chegaríamos num momento em que a tecnologia substituiria as relações humanas e nós criaríamos um planeta de pessoas solitárias, egoístas e insatisfeitas com a vida. Por isso ele reflete sobre a necessidade que nós temos de nos relacionar com as pessoas de maneira autêntica e de cuidar muito para que a tecnologia, o poder econômico e outras variáveis muito próprias do nosso tempo não sejam prejudiciais para a nossa vida.

Quando falamos de gente, de igreja e de TICs, não podemos perder de vista o aspecto da espiritualidade. A espiritualidade é um elemento próprio do ser humano que pode ser mediada pelas TICs, mas não pode ser substituída e muito menos produzida por TICs.

A plataforma Netflix apresenta uma minissérie muito conhecida, chamada *Black Mirror*. Na segunda temporada de *Black Mirror*, há um episódio que se chama “Volto Já”. É um episódio muito interessante, que retrata uma sociedade que, talvez dentro de uns dez ou quinze anos, todos que estivermos vivos vamos testemunhar. Trata-se de uma sociedade em que a interação do homem com o computador será tão intensa que será possível, filtrando as informações que uma determinada pessoa postou nas redes sociais, como suas ideias, a sua própria voz, seus medos e inquietações,

reconstituí-la, mesmo depois de morta, por inteligência artificial.

No referido episódio, uma jovem perdeu o seu companheiro e está sofrendo com o luto. Como uma forma de tratar o luto, ela acessa um aplicativo de celular que lhe permite se relacionar com o morto reconstituído por inteligência artificial. A jovem faz perguntas e o aplicativo responde exatamente o que o jovem morto responderia se estivesse vivo, gerando interação que simula um diálogo real.

Essa realidade não está longe de nós. Nem percebemos, mas nutrimos as redes sociais com uma riquíssima base de dados, constituída pela nossa voz, nossos textos, nossas imagens em fotografias e vídeos, e esse material permitiu, naquele episódio da série, que a jovem tivesse uma espécie de conforto e tratamento do seu luto num relacionamento totalmente criado por inteligência artificial.

Embora a história narrada no episódio, diante do avanço das TICs e da inteligência artificial, já seja possível, nem as TICs nem a inteligência artificial poderão substituir o relacionamento, a ligação que os humanos têm com Deus, com o Criador.

Ainda que avancemos muito na área das tecnologias e da inteligência social, a ligação que nós humanos temos com Deus jamais poderá ser produzida por artifícios tecnológicos nem poderá prescindir do relacionamento que temos uns com os outros, que compomos a Igreja, o Corpo de Cristo.

Com isso, podemos concluir que as TICs podem e devem ser utilizadas no âmbito da Teologia Prática, são e serão úteis e não devem ser desprezadas, mas o uso a partir de boa reflexão em relação ao uso dessas ferramentas é indispensável.

PALESTRA DE ABERTURA DO DIA 25.10.2024

# FAMÍLIA: A MANEIRA INEFICIENTE DE DEUS PARA SALVAR O MUNDO

*Prof. Dr. Jason Byassee*

*Ph.D. in Religion, Duke University*

*Vancouver School of Theology*

Pornografia: sexo feito com eficiência: o que queremos quando queremos.

“Quem são minha mãe e meus irmãos?” perguntou Jesus. “Todo aquele que faz a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Marcos 4:33-35).

Essas foram as palavras indelicadas de Jesus para sua família biológica. Eles foram até Jesus porque estavam preocupados: achavam que Jesus estava fora de si e pretendiam contê-lo. Pelo que sabemos, Jesus não foi se encontrar com eles. Família? Que família? “Quem faz a vontade de Deus é minha família.” De acordo com o restante do Novo Testamento e com a tradição da igreja, Maria, Tiago e os outros apareceram. Nós a chamamos de “mãe de Deus” por um motivo; e Tiago se tornou líder da igreja de Jerusalém por um motivo. A família biológica de Jesus começou a se desentender com ele, mas acabou se convertendo à fé.

Uma das acusações comuns feitas contra a revolução digital é o que ela faz com a família. Hesito em pregar essa jeremiada em particular, pois, segundo os evangelhos, Jesus de Nazaré é, na verdade, a maior ameaça que existe para a família nuclear. Esta noite, argumentarei que as famílias podem de fato florescer em

uma era de idolatria digital. No entanto, precisamos que algumas pessoas digam “não” às telas, da mesma forma que a igreja sempre teve algumas pessoas dizendo “não” a bens como dinheiro, sexo e poder. Como pode ser esse “não” e como ele informa aqueles de nós que dizem um “sim” hesitante?

É surpreendente que os movimentos políticos conservadores tenham reivindicado a sanção de Jesus para sua defesa dos “valores familiares”. O próprio Jesus teria sido chamado de nomes equivalentes à nossa palavra “bastardo”. Alguns dos primeiros seguidores mais ávidos de Jesus não tinham família biológica própria. Seguindo o exemplo do celibato de Jesus e os ensinamentos de São Paulo (1 Coríntios 7), os primeiros cristãos geralmente não se casavam.

Cristo virá em breve – então, por que gastar tempo e energia com qualquer outro cônjuge? Isso os fazia parecer ridículos aos olhos de seus vizinhos pagãos. Quem abriria mão do sexo por... Jesus? Aqueles que acreditavam em outro tipo de família – eles chamavam uns aos outros de “irmã” e “irmão”. E aqueles que acreditam em outro tipo de poder – Cristo renovará a igreja por meio da conversão, se necessário, e não apenas pela propagação biológica.

Esta é a primeira palavra a ser dita sobre a família em uma perspectiva cristã: ninguém precisa criar uma nova família. Não precisamos nos casar ou ter filhos para sermos pessoas completas em Cristo. O batismo nos inicia na única família que importa – aquela chamada “igreja”. Nessa família, todos nós somos filhas e filhos adotivos, elevados a irmãos de nosso irmão mais velho, Jesus, pelo Espírito Santo de Deus (Rm 8:14-17). Jesus rompe com as famílias biológicas e cria uma nova.

A família biológica de muitos de nós foi desestruturada, não por Jesus, mas pela tecnologia. Quantas vezes você vê uma família sentada à mesa, com os rostos colados em retângulos azuis brilhantes, pessoas próximas parecendo distantes e pessoas distantes parecendo mais

próximas? A mesa é o lugar onde Jesus nos salva com pão e vinho, onde cada refeição aponta para outra refeição no final de todas as coisas, com Cristo como anfitrião, com os pobres como convidados de honra e, talvez, até mesmo, com o resto de nós entrando sorrateiramente pela porta dos empregados. Quando jantamos nesse meio tempo, temos uma amostra desse banquete escatológico.

A tecnologia é diferente do mero uso de ferramentas. Os seres humanos têm usado ferramentas desde que, bem, somos humanos. Não temos presas afiadas, garras longas ou exterior resistente para nos defender – temos cérebros grandes. Por isso, usamos ferramentas. Nós nos chamamos de *Homo faber*: a criatura que faz coisas. Mas as ferramentas costumavam ficar em seus lugares. Uma picareta fica no campo, uma arma é para a caça ou para o campo de batalha, um veículo fica perto da estrada. Os pequenos deuses em nosso bolso não ficam em seus lugares. A tecnologia reivindica uma onipresença antes reservada somente a Deus. Sua grande promessa é tornar tudo mais fácil. Os povos bíblicos já pensaram no sábado como a forma de descanso de Deus, mas todo avanço tecnológico promete mais tempo de lazer para estar com a família ou relaxar por conta própria. Esse momento de felicidade escatológica parece nunca chegar. As ferramentas ainda são úteis. Elas exigem habilidade, persistência e uma comunidade de usuários sábios para serem bem utilizadas. A tecnologia não exige habilidade.

Basta ligar a máquina e você pode ter o que quiser, quando quiser. Andy Crouch compara uma ferramenta, como uma guitarra, com a tecnologia, como um aplicativo de guitarra. Os guitarristas habilidosos aprendem seu ofício com uma prática meticulosa, durante inúmeras horas, com dedos calejados de uma comunidade de músicos que se baseia em séculos de sabedoria. O aplicativo de violão finge fornecer habilidade, mas não a produz, não pode produzi-la.

O filósofo Albert Borgmann contrasta o que ele chama de “prá-

tica focal” com o “paradigma do dispositivo” da tecnologia. Uma prática focal é uma atividade complexa cujos benefícios são internos à prática. Você não aprende a tocar violão para ter dedos mais hábeis, embora isso possa ser um efeito colateral. Você aprende violão para ... aprender violão. O principal exemplo de Borgmann é a forma como aquecemos nossas casas. Os povos antigos e muitos de hoje aquecem suas casas com fogo. A lareira é, então, o centro da casa. Os deuses da casa são colocados junto à lareira. O fogo é o lugar onde as histórias são contadas, onde as gerações mais jovens descobrem quem são. Borgmann contrasta a lareira com o aquecimento central. Ele não exige nenhuma habilidade dos usuários – apenas um reparador habilidoso que vem ocasionalmente e custa muito caro. Ele esconde seus próprios meios de produção atrás de paredes e em porões. A enorme quantidade de energia necessária é habilmente escondida da maioria de nós, na maior parte do tempo. Ele não reúne pessoas. Não apresenta histórias, não transmite nenhuma habilidade, não convida à adoração. Ele simplesmente funciona, se a conta for paga, sem nenhuma profundidade de sabedoria ou graça.

Borgmann escreve sobre dois irmãos “famintos por algo para ler” no Vale Bitterroot, em Montana, em 1860. Eles ouviram falar de um baú de livros a 150 milhas de distância.

Atravessaram três rios perigosos para chegar até eles e gastaram metade do dinheiro que tinham em cinco deles, “mas então tínhamos os livros abençoados, que empacotamos cuidadosamente em nossos cobertores e começamos alegremente nossa viagem de volta de cento e cinquenta milhas. Muitas foram as horas felizes que passamos lendo aqueles livros”. Não é por acaso que o fato de não precisarmos nos esforçar tanto para obter material de leitura anda de mãos dadas com o fato de não nos importarmos com isso. Sem dúvida, as primeiras pessoas que viram as Cataratas do Iguçu

deram um grito de louvor ao Criador. Um amigo rabino conta que observava os turistas se aproximando do Grand Canyon e ouvia o que eles diziam. A maioria dizia palavrões – algo relacionado ao quarto ou ao banheiro. Alguns diziam coisas como “vaca sagrada”, que é uma espécie de religião, mas a religião de outra pessoa. Ele e sua família disseram a bênção judaica na presença de uma maravilha natural: “Bendito sejas, Senhor Deus, rei do universo, porque fizeste grandes coisas na terra e no céu”. Os dois irmãos no Vale Bitterroot, em 1860, arriscaram a vida e gastaram metade de sua fortuna em cinco livros para passar o inverno; podemos ler quase tudo que já foi escrito em nossos telefones e não damos a mínima.

Alguém sábio disse que, quando você quiser que a infância de seu filho termine, dê a ele um telefone. Deixe que eles se conectem nas mídias sociais. Infância: acabou. Todos os pais que conheço se preocupam com os efeitos dos dispositivos em seus filhos, em sua família. Andy Crouch tem algumas sugestões excelentes, incluindo três opções: escolher o caráter, moldar o espaço e estruturar o tempo. Caráter: a família existe para levar uns aos outros em direção à sabedoria e à coragem. As telas não podem fazer isso. Somente o Espírito de Deus, trabalhando por meio da comunidade cristã, pode. Moldar o espaço: mova os dispositivos tecnológicos, como a televisão, para lugares onde eles não dominem o espaço familiar. Coloque-os em um lugar desconfortável. E estruture o tempo: deixe que haja um tempo sabático livre de aparelhos, não apenas um dia por semana, mas também por horas todos os dias, um dia por mês e uma semana por ano. E ele tem sugestões específicas brilhantes: coloque os telefones “na cama” antes de ir para a cama. Passe as horas de vigília em oração, não nas telas.

A igreja cristã tem recursos à mão para reconquistar os lugares em nossa vida que foram colonizados pelos dispositivos. Nós simplesmente não os notamos, mas temos a sabedoria para perceber

que o problema não está nos dispositivos. Os dispositivos apenas nos tornam mais – mais humanos, em nossa glória e vergonha. O problema é nosso coração pecaminoso, nosso mundo decaído, e isso não pode ser consertado tecnologicamente. Somente Cristo pode fazer isso.

A tecnologia promete eficiência. A questão é a seguinte. Quando Deus salva o mundo, é por meio dos meios mais ineficientes possíveis. Deus escolhe uma família. Não a melhor família, ao contrário da escolha de Noé. Talvez a família mais improvável. Abraão e Sarai eram idosos e não puderam ter filhos mesmo quando eram jovens. A escolha de Deus atrai o riso de Sarai, de forma apropriada. Que nonagenários estão na lista de espera da maternidade? No entanto, Deus, que fez tudo em primeiro lugar, certamente pode refazer as coisas, como um útero, como a terra, como nossa vida. Abraão e Sara se tornam pai e mãe de um povo mais numeroso do que as estrelas do céu ou a areia da praia. E eles são os amados de Deus, a noiva de Deus, os escolhidos de Deus. O rabino Jonathan Sacks conta que seus filhos o procuraram com a alegre descoberta de que tinham um antepassado famoso. Quem? Ele perguntou, um pouco chateado com o fato de que ter um ex-rabino-chefe da Grã-Bretanha como pai não era suficientemente satisfatório para o ego. “Se você voltar bastante no tempo, somos descendentes de Abraão! Certo, isso é o que significa ser judeu!

Isso não é um meio muito eficiente de economizar. Não é uma tecnologia de fato. É um povo, marcado por amarguras internas e derramamento de sangue, filhos ilegítimos e prole não autorizada, histórias embaraçosas e graça surpreendente. Mas é um sinal de que Deus tem algo a fazer pelas famílias – fazer parte de sua renovação do cosmos. É um sinal de que Deus pretende consertar tudo o que nós, seres humanos, arruinamos – não por meio da tecnologia, mas por meio dos próprios seres humanos que arruinaram tudo. A sur-

preendente escolha de Abraão e Sara e sua estranha e improvável progênie pode até ser um sinal de que a própria tecnologia pode fazer parte dos propósitos redentores de Deus.

Portanto, Deus salva de forma ineficiente, por meio de uma família. O oposto da família é a pornografia. Ela promete dar aos usuários o que eles querem, quando eles querem. É uma promessa capitalista. E oferece gratificação sexual sem promessas, sem os limites difíceis e cheios de graça do parentesco. Há um motivo pelo qual os pornógrafos estão entre os mais ávidos incentivadores da Internet: eles querem vender pele online.

Certa vez, ouvi uma mulher dar um testemunho em uma igreja em Portland, OR. “Vocês já me ouviram dizer isso antes”, ela se desculpou entre uma fungadela e outra, afastando cuidadosamente as lágrimas de seu rosto cheio de furos. “Mas desta vez estou realmente ficando sóbria. Meu médico disse que tenho menos de um ano de vida”. Ela queria usar o pouco tempo que lhe restava para se reconciliar com a família e com os amigos que magoou enquanto usava drogas. Havia uma filha em algum lugar, em um orfanato, com quem ela queria se reconectar. No momento em que percebeu o fim se aproximando rápido demais, ela quis fazer todas as coisas que nos tornam humanos. Ela queria amar e ser amada, não usar e ser usada. A igreja inteira se levantou e a cercou, impôs as mãos sobre ela e a tocou com cura, não com dano.

A mulher estava trabalhando como prostituta para alimentar seu vício em drogas. Não era incomum que essa igreja em particular tivesse pessoas que se prostituíam trabalhando lá. “Em um determinado momento, tínhamos meia dúzia de homens e mulheres no setor”, disse-me o pastor. “E deixe-me dizer que eles se vestem de forma muito mais recatada do que nossos adolescentes!” Com os melhores amigos de Jesus como parte de seus membros, essa igreja lê a Bíblia melhor do que a maioria. Em uma discussão recente sobre

Hagar no livro de Gênesis, esses leitores reconheceram instantaneamente a astúcia das profissionais do sexo: "Ela é manipuladora, trabalha duro para conseguir o que quer. Sim, mas ela também é vulnerável – ela teria morrido se Deus não interviesse". Eles viram a si mesmos. Esse tipo de leitor não frequenta a maioria das igrejas das quais fiz parte.

Há algo no sexo que inevitavelmente traz à tona pensamentos sobre a morte. Sexo e morte estão relacionados – não existe um sem o outro. O cristianismo trata da derrota da morte em Cristo. Às vezes, nossa imaginação fica superaquecida e pensamos que também se trata da derrota do sexo. Jesus diz coisas muito duras sobre a luxúria. Paulo diz para não nos casarmos, tendo em vista a vinda imediata de Cristo. Alguns de nossos cristãos mais fiéis são monges, freiras e padres que não se casam com nenhuma outra pessoa, apenas com Jesus. Mas o sexo não é algo ruim. De todas as maneiras que Deus poderia ter nos permitido reproduzir, Ele escolheu essa. Deve haver algo de bom nisso. Algo tão bom que o próprio Deus se submeteu a nascer do ventre de uma mulher. Nossos antigos vizinhos pagãos zombavam de nós por dizermos que Deus nasceu. E isso nos obrigou a concordar: sim, achamos que Deus tem uma mãe judia. Deus criou o sexo em primeiro lugar. Deus não é contra o sexo. Deus apenas o quer dentro de certas restrições que o honrem e a outras pessoas. Especificamente, os cristãos acham que Deus pretende que a sexualidade seja expressa em um relacionamento de fidelidade monogâmica vitalícia que reflita a fidelidade de Deus a Israel, o casamento de Cristo com a igreja.

Pense na casualidade de nossa cultura de encontros. Agora, imagine uma pessoa se aproximando de outra: "Oi, querida. Quer ... unir nossas contas bancárias?". Isso seria motivo de chacota. Nossa cultura considera os detalhes financeiros um tópico proibido; trocamos fluidos corporais com as pessoas com muito mais facilidade

do que detalhes bancários. É um pouco estranho, não é?!

Agora, em contraste, pense no que ouvi de um velho viúvo cuja esposa havia acabado de morrer. Ele estava com 80 anos e sem ela pela primeira vez desde que era um adolescente. Ele disse o seguinte: “Conheci aquela garota quando ela tinha 16 anos e a amava todos os dias”. Essa é a coisa mais sexy de que já ouvi falar. Costumo falar sobre isso em sermões e todos se admiram. Como isso é sexy? Porque o sexo reflete a fidelidade de Deus à igreja.

É nesse ponto que a pornografia na *Internet* falha profundamente. Com apenas alguns cliques, cada pessoa que você vê está sexualmente disponível para você. Elas estão em conformidade com uma certa noção de beleza: magras, jovens, com maquiagem, uma forma de beleza que faz com que milhões de pessoas tenham vergonha de seus corpos muito mais normais. Joguei muito basquete na minha vida e percebi algo em algum momento: muitos homens altos não amam o jogo. Eles nem mesmo gostam. Eles eram altos quando crianças, então os colegas, a escola ou os pais os obrigavam a jogar. Eles podem fazer isso, às vezes bem, mas sem alegria. Presumo que o mesmo ocorra com aqueles que são bem-dotados fisicamente, de uma forma que os outros consideram desejável, e que acessam a Internet para admirar. Sem alegria. Alain de Botton é um filósofo ateu que diz que somente a religião reconhece o poder da pornografia. Ele fala que a pornografia se aproveita de uma falha na mente masculina.

Uma mente originalmente projetada para lidar com [algo um] pouco mais sexualmente tentador do que a visão ocasional de uma mulher da tribo na savana fica desamparada quando é bombardeada por convites contínuos para participar de cenários eróticos que excedem em muito qualquer sonho da mente doente do Marquês de Sade. Não há nada suficientemente robusto em nossa constituição psicológica para compensar os desenvolvimentos em nossas capaci-

dades tecnológicas, nada que detenha nosso desejo apaixonado de renunciar a todas as outras prioridades em prol de alguns minutos a mais (que podem acabar sendo quatro horas) nos recônditos mais sombrios [de algum site de lixo].

Botton argumenta que a própria Web é inerentemente pornográfica. Os pornógrafos promoveram seu avanço tecnológico tão avidamente quanto qualquer outra pessoa. Há mais dinheiro a ser ganho do que os US\$ 10 bilhões que eles liberam anualmente neste momento. Somos criaturas deploráveis, facilmente exploradas.

Há uma foto famosa de Madre Teresa e Lady Diana. Costumo usá-la para perguntar às pessoas qual é a mulher mais bonita. Para mim, não é nada fácil. A Madre irradia uma santidade que a mundana e elegante Diana jamais conseguiria igualar. Uma pergunta complementar seria: "Ok, com qual delas você preferiria fazer sexo?". Que profanação! Como se a beleza exigisse conquista sexual. Mamãe ama a Deus com seu corpo e ninguém deveria fazer uma pergunta como essa. Mas nós fazemos, é claro. Somos criaturas perversas. Você pode culpar a pornificação de nossa cultura. Ou você pode culpar a queda.

Poderíamos ser tentados a desprezar a luxúria e a indústria da pele se Jesus não tivesse dito: "Eu lhes digo que todo aquele que olhar para uma mulher com cobiça já cometeu adultério com ela em seu coração" (Mt 5:28). Jesus é frequentemente acusado de ser um violador da lei, um inovador perigoso. Mas aqui ele está pegando a lei de Israel contra o adultério e apertando os parafusos para excluir até mesmo a possibilidade de imaginar sexo com alguém com quem você não é casado. Essa pode ser uma receita para o desespero. Boa sorte em não pensar nas coisas que todos estão pensando. Mas o que Jesus quer dizer com "olhar para"? O olho é uma espécie de porta de entrada para a alma. O que olhamos, o que contemplamos, o que olhamos e desejamos, mostra quem

somos. “Bem-aventurados os puros de coração”, prega Jesus no mesmo sermão, “porque eles verão a Deus” (Mt 5:8). A igreja sempre pensou na salvação em termos visuais. É uma questão de olhar e contemplar o divino. Chamamos isso de “a visão beatífica”. O que vemos é importante.

Outras religiões, como a nossa, também valorizam a observação do corpo dos outros de forma não sexual. Certa vez, um amigo visitou El Eilat, em Israel, e viu mulheres israelenses tomando banho de sol apenas de fio dental, sem blusa. Ele visitou a praia da Jordânia, não muito longe dali, e viu mulheres em sua maioria de burca, totalmente cobertas. Seu pensamento foi: essas duas culturas nunca se darão bem. Mas talvez vejamos pontos em comum. O corpo é uma coisa linda. Tão belo que podemos ver por que alguém pode se sentir tentado a adorá-lo. Ele não é motivo de repulsa ou vergonha, mas de glória. Portanto, não é imprudente cobri-lo. Para ser visto, nesse grau, apenas por seu cônjuge. Certa vez, fiz uma pergunta machista a um amigo jordaniano: você não sente falta de ver mais do que os olhos das mulheres? Ele sorriu. “Depende dos olhos”. Outro amigo da Arábia Saudita observou que as mulheres que amamentam lá costumam ficar totalmente cobertas, exceto pelos seios. Esses ficam de fora, prontos para a boca de seus bebês. Aqui vemos uma semelhança com os retratos medievais da Virgem Maria, cuja pureza é tão completa que a igreja costuma dizer que ela deve ter permanecido virgem mesmo depois do casamento.

Seus seios estão de fora, amamentando o Filho de Deus. Jorge Luis Borges imagina o inferno como um lugar sem vida – um lugar sem seios. Sem fascínio, sem lactação, sem vida nova.

Deus assumiu um risco enorme com o sexo. Deus tinha que saber o quanto nos machucariamos uns aos outros com isso. Mesmo assim, Deus nos fez reproduzir dessa forma. Observei uma árvore em Vancouver em um verão que espalhou suas sementes por toda

parte. Ela estava ansiosa para se reproduzir, para dar vida. Essa é uma semente desperdiçada! O mesmo acontece com as sementes e os óvulos humanos. As árvores não desejam, provavelmente. Os cães, ao que parece, sim. Nós olhamos para o lado ou os empurramos quando eles tentam se aproximar da coisa errada, mas não os julgamos moralmente. É exatamente isto que os cães fazem – agem de acordo com seus desejos, sem refletir. Mark Twain teria dito: “Os seres humanos são os únicos animais que coram. Ou precisam fazê-lo”.

Quando alguém age de acordo com seus desejos sem refletir, nós o julgamos moralmente. Se você agir de acordo com esses impulsos de forma a ferir outras pessoas, deverá ir para a cadeia. Se todos nós agíssemos de acordo com nossos desejos sexuais, estaríamos todos na cadeia! Toda vida humana é uma questão de disciplinar nossos desejos. Ninguém pode simplesmente fazer o que quiser, com quem quiser. A questão é: qual será o objetivo final dessa disciplina? Para que fim estamos orientando nossos desejos? Para os cristãos, a resposta é clara: disciplinamos nossos desejos em direção à visão de Deus. A solteirice é uma questão de cumprir promessas somente a Cristo. O casamento é uma questão de cumprir promessas a Cristo, ao cônjuge e aos filhos. Essas são promessas difíceis de cumprir. É por isso que temos a igreja, para nos lembrar de nossas promessas e nos perdoar quando falhamos.

Logo após Jesus proibir a imaginação do adultério, ele sugere arrancar o olho que o causa. Israel sempre imagina a tentação de deuses estrangeiros em termos sexuais. O povo de Deus não deve se “prostituir” com falsos deuses. Provérbios imagina uma mulher lasciva como uma tentadora, à espreita para desmascarar os jovens. Inverta o gênero para uma era moderna, se quiser, mas o ponto é o mesmo. Jesus está nos pedindo para não cometermos adultério contra ele. Nem mesmo olhemos para outro deus. Ele é o suficiente para desejarmos e nos satisfazermos infinitamente.

G. K. Chesterton disse certa vez que o homem que bate à porta de uma prostituta e o homem que pensa em entrar em uma igreja estão, na verdade, buscando a mesma coisa. Se a conversa sobre sexo é realmente uma conversa confusa sobre Deus, diz Sarah Coakley, nossa cultura está inundada de conversas confusas sobre Deus! Todo ser humano deseja Deus. Essa é a *imago Dei* em nós. Mas também desejamos Deus de maneiras confusas e desumanas. Esse é o pecador em cada um de nós. Cristo reparou a *imago Dei* e perdoou o pecador em cada ser humano. Essa é a mensagem do evangelismo. E a igreja tem uma série de práticas para ajudar nossa vida sexual a se alinhar com a obra salvadora de Cristo: solteirice disciplinada, casamento disciplinado, amizade robusta, mordomia e guarda dos olhos, honrar uns aos outros.

Uma resposta à pornografia é a Ceia do Senhor. Os sacramentos são sensuais. Eles são totalmente incorporados. Você pode saborear o vinho, tocar o pão, sentir o cheiro de ambos, recebê-los ou oferecê-los aos outros. Não há nenhum erotismo artificialmente aumentado. Na verdade, você percebe os idosos, os muito jovens, ou seja, aqueles que não deveriam ser sexualmente ativos ou desejados dessa forma por ninguém. Eles são amados, não cobiçados. Jesus ordena que todos nós nos tornemos semelhantes a crianças, não infantis, portanto, precisamos que os mais jovens entre nós nos ensinem a diferença. Os antigos entre nós merecem nossa reverência e respeito. Às vezes me pergunto se devo olhar nos olhos de outra pessoa enquanto lhe sirvo a comunhão. Esses são poços profundos. Estudos mostram que é possível fazer com que estranhos se apaixonem uns pelos outros se eles olharem nos olhos um do outro por tempo suficiente. Costumo não olhar as pessoas nos olhos por muito tempo na fila da comunhão. Esses olhos são para que elas contemplem a bondade de Deus, assim como os lábios e as línguas são para “provar e ver que o Senhor é bom”. Eles não

são para mim. São para Deus e para o seu amado humano, se eles forem chamados para um.

Pegue esta carne. Prove este sangue. Torne-se mais. Ele dá sua vida, sua solidez humana, sua vida líquida, por você, para ser um com você, para torná-lo um com ele. Esse é o ato de união mais glorioso pelo qual você jamais passará. Todo ato humano de união, por mais íntimo que seja, é um reflexo tênue, um vislumbre momentâneo, da união com Cristo que Deus deseja para cada pessoa. Que risco Deus correu ao fazer seres tão sexuais como nós! Que risco ainda maior é se unir a nós de todas as formas, corpo e alma, para um prazer sem fim, um dia, sem vergonha alguma!

# REAÇÃO À PALESTRA

*Prof. Dr. César Marques<sup>14</sup>*

Olá, boa noite a todas e a todos. Quero dizer que é um prazer e uma honra estar aqui com vocês. Agradeço ao professor Marcos e à equipe responsável pela organização deste evento, pelo convite e parabenizo-os especialmente pela realização do evento e pela importante discussão da teologia pública em nosso contexto.

Nesta noite venho aqui em nome da CETI, a Comunidade de Estudos Teológicos Interdisciplinares, e trago para vocês o abraço de membros da nossa comunidade que estão espalhados por quinze países da América Latina e da América do Norte.

A CETI oferece um mestrado, em espanhol, em Liderança para a Transformação, além de um programa de certificados – seriam cursos não graduados de formação de pessoas no contexto da igreja local e de organizações cristãs para uma vida comprometida com a busca do Reino de Deus e da sua justiça. Também oferecemos cursos online abertos, algo muito similar ao que a FATIPI oferece como cursos de extensão.

Mas, aqui, neste evento convocado pela FATIPI, sinto-me em casa. Desfrutei da hospitalidade e do companheirismo de muitos de vocês por seis anos e fico muito contente em revê-los.

Confesso, no entanto, um ligeiro desconforto. Reconheço a solenidade do evento, mas sou provavelmente uma das pessoas menos formais que já passaram pelo corpo docente da FATIPI... realmente pensei bem para fazer essa declaração porque me lembrei do professor Cristofani, mas até ele consegue ser formal quando precisa. A minha formalidade não durou três minutos... Mas, outra vez, me sinto grato pelo convite.

---

<sup>14</sup> Doutor em Teologia Doutorado pela Trinity International University, TIU, Estados Unidos. Mestre em Teologia Prática pela Faculdade Teológica Sul Americana FTSA - Brasil. Reitor da CETI Continental - Comunidade de Estudos Teológicos Interdisciplinares.

Agradeço também ao professor Jason Byassee pelo tema que ele compartilhou conosco hoje. Sim, é oficial, para você que está mantendo a contagem, o sobrenome dele já foi falado aqui oito vezes e pronunciado de quinze maneiras diferentes. Mas, lembre-se, ainda é quarta feira, e o Congresso vai até sexta!

Sim, estive aqui na segunda feira contando isso. E estava caminhando para o metrô pensando que, em geral, a perspectiva sobre tecnologia que foi compartilhada tão bem pelo professor Jason e pela professora Isabel Silveira, apesar da clara tentativa de equilíbrio, pareceu-me um pouco pessimista. Pensei então que poderia enfatizar nesta noite alguns aspectos positivos, alguns aspectos redentores do uso das tecnologias. Aí vem o professor Jason e fala sobre pornografia. E eu vou fazer o quê? Falar sobre os aspectos redentores desse tema aqui no salão da Associação Cristã de Moços? Na frente de todos estes irmãos, de todas estas pastoras e de todos estes professores de teologia???

Claro, gente, que recebi o texto do professor Jason já há algumas semanas e pude me preparar para esta minha reação. Então pensei que poderia pedir para o ChatGPT escrever um texto sobre os aspectos positivos da pornografia, pensei em ler como se fosse meu (e já aprendemos na segunda feira que precisamos tirar o sombreado cinza dos textos “pesquisados” nessa fonte) e só depois avisar que era de uma inteligência artificial. Mas o evento está sendo transmitido pelo YouTube. Por isso fiquei com medo de alguém cortar o trecho e isso aí ainda viralizar como se fosse meu mesmo. Então, ainda que vá destacar, sim, vários aspectos positivos dessas tecnologias em geral, eu decidi fazer como já disse um grande poeta da língua portuguesa: “Mas agora eu também resolvi dar uma queixadinha / Porque eu sou um rapaz latino-americano / Que também sabe se lamentar”.

Bom, eu sei que vocês não vieram aqui para assistir a uma tenta-

tiva frustrada de um show de comédia de *stand up*, mas para uma discussão sobre os desafios teológicos e éticos do uso das tecnologias de informação e comunicação. Acho eu que daqui a pouco vocês estarão é com saudades dessas piadinhas. Quero me lembrar do que o professor disse na primeira noite – que lidar com esse tema não se trata da fuga transcendente proposta pelo gnosticismo, tampouco da negação meio ressentida pelo maniqueísmo, mas de buscar integrar as coisas.

Mas eu garanto para vocês que as brincadeiras de antes não foram totalmente em vão. Dentro delas estão os dois principais pontos que me vieram à mente quando da leitura do excelente e desafiador texto do professor Jason. O convite do professor Marcos foi para que eu apresentasse uma reação a essa fala de hoje. E é isso que queria fazer, continuar a conversa a partir dos tópicos propostos. Concebo essa minha fala como um complemento, uma olhada por outra perspectiva com relação ao que foi compartilhado até agora. Permitam-me falar sobre esses pontos, então.

Vou começar pelo final dessa minha introdução. **Meu primeiro ponto** é que sim, sou um rapaz latino-americano – ou talvez um senhorzinho grisalho latino-americano... E que sim, vou me lamentar.

Assim como muitas pessoas de minha geração, fui formado teologicamente num contexto que valorizava a perspectiva teológica latino-americana. E uma das principais preocupações da teologia latino-americana é com questões estruturais, questões sistêmicas. Na teologia latino-americana nos preocupamos, sim, com os fatores privados, pessoais, com o compromisso individual com o evangelho e com o Reino de Deus. No entanto, prestamos especial atenção à maneira como, juntos e juntas, construímos uma sociedade marcada por injustiças, marcada por desigualdades. É o que muita gente chama de pecado estrutural. Acho excelente a síntese de “pecado estrutural” apresentada pelo teólogo brasileiro Jung Mo Sung:

Há estruturas sociais, econômicas, políticas ou culturais que são pecaminosas – produzem sofrimentos, opressões, o mal – pelo próprio funcionamento da sua lógica, quase que independente das intenções das pessoas envolvidas nestas estruturas.<sup>15</sup>

Eu sei, eu sei. Está um cheiro bem grande de naftalina nessa conversa, não é? Ou daqueles livros que estão na biblioteca desde a década de 1980 acumulando poeira. De maneira bem séria, irmãos e irmãs, entendo também o contexto que vivenciamos aqui no Brasil. Dividimos o nosso país hoje entre dois extremos muito polarizados e sei que, ao simplesmente falar algumas coisas, já fico com uma enorme etiqueta vermelha pendurada na minha cabeça. Mas se não tivermos liberdade de conversar aqui, onde é que teremos?

Por favor, pense comigo no exemplo que Mo Sung nos dá de um fazendeiro cristão numa época de escravidão legalizada. Por mais “bonzinho” que ele seja como pessoa com cada escravo, ainda estamos falando de uma situação absolutamente injusta e desumanizante – de um pecado cometido, sim, pelo fazendeiro, pela sua família, pela sua igreja, pela sua sociedade, contra outros indivíduos e contra uma coletividade.

Sim, Jung Mo Sung comenta nesse mesmo texto: “É claro que faz alguma diferença na vida concreta de um escravo se o seu dono é uma pessoa violenta ou não, mas a situação fundamental não muda”. Ele completa: “O caráter pecaminoso desta estrutura econômico-social independe da boa ou má intenção ou do grau de honestidade das pessoas”.

As Escrituras têm uma resposta para o pecado estrutural. Ela se chama *Shalom* no Antigo Testamento, Reino de Deus no Novo Testamento. Mas a ideia é a mesma: na sociedade imaginada por

---

<sup>15</sup> Publicado originalmente como - Pecado Estrutural e as Boas Intenções - no extinto site da ADITAL, Brasil. Texto ainda disponível online em: <https://salluzovelhas.blogspot.com/2009/09/pecado-estrutural.html>.

Deus, existe uma paz que vai muito além da ausência de conflitos, que envolve também a justiça, a alegria. Para usar a brincadeira que o professor Jason fez, a experiência do reinado de Deus é “sexy”. De acordo com as Escrituras, esse reinado é experimentado física e sensorialmente, ele envolve a dignidade do corpo do ser humano, e não somente a salvação da nossa alma!

Toda esta longa volta que dei aqui é para chegarmos ao ponto em que o professor Jason fala da onipresença da tecnologia, da maneira como ela faz essa falsa promessa, que ele chama de escatológica, de deixar tudo mais fácil. Foi essa evocação da escatologia que me lembrou do reino de Deus. E, ironia das ironias, essa promessa escatológica das novas tecnologias parece se utilizar de uma categoria que é bastante conhecida nos círculos latino-americanos: o “já e ainda não”. É só pensarmos na excelente ilustração que o professor trouxe, da comparação entre os irmãos nos EUA do século XIX que arriscaram a vida e investiram tanto tempo e recursos em cinco livros e a maneira como nem damos muita bola para os literalmente milhões de livros que conseguimos acessar com nossos celulares. A nossa vida já está mais fácil, mas ainda não desfrutamos totalmente deste descanso prometido; e mais, ainda não são todas as pessoas que desfrutam nem remotamente disso.

Mas, vejam bem, essa onipresença das novas tecnologias de informação e comunicação acontece em sociedades injustas, desiguais, excludentes e pecaminosas, como a sociedade estadunidense, como a brasileira, em menor grau na sociedade canadense, onde todo mundo é tão simpático.

A questão é que o Uber que eu peço como usuário tem um efeito sobre a minha vida. Chego nos lugares com bastante facilidade e a um preço bem mais baixo do que quando só podia (ou não podia!) pegar táxi. O Uber que o motorista instala em seu celular tem outro efeito na vida dele. O iFood que eu peço, procurando um cupom

de entrega grátis, outro cupom de descontinho de dez reais, pode atrasar e me deixar frustrado. A avaliação de uma estrela que eu posso deixar da entregadora que não teve absolutamente nada a ver com o atraso por causa de um problema no próprio aplicativo pode acabar cassando o cadastro dela.

E, de cada pedidinho desses, 12% vão para o iFood. Já quanto ao Uber, de cada corrida que for feita hoje daqui da porta da ACM até distintos pontos de São Paulo, 40% ficam com a empresa.

Na segunda-feira, o professor Jason nos falou sobre como não é razoável pensar em simplesmente deixar de usar as novas tecnologias de informação. Também não estou falando de derrubar esses aplicativos. Eles têm sido, sim, uma fonte digna de sustento para muitas famílias, para muitas pessoas que se depararam com situações de desemprego. Para ainda outros, houve uma decisão consciente de deixar um ou outro emprego para efetivamente ter uma ascensão social, financeira, trabalhando com algum desses aplicativos. Para muitos usuários, o iFood foi uma salvação, física e psicológica, em tempos de pandemia. Eu acho que estamos, sim, em um melhor lugar com esses aplicativos à disposição.

No começo deste século, Zygmunt Bauman já usava a metáfora da fluidez, da modernidade líquida, para descrever os nossos tempos. Se bem me lembro, é quase que obrigatório citar Bauman nos TCCs da FATIPI, não é isso? No EAD, há alguns anos, pelo menos uns 90% citavam! Pois bem, o que já estava seminalmente presente há 20 anos, foi acelerado e multiplicado pelas novas tecnologias. Toquei muito de leve nesse tema da proporção massificada que as coisas podem alcançar hoje ao brincar sobre uma possível viralização de um vídeo. Seria um subtópico para hoje, mas não daria tempo. A questão é que as novas tecnologias fazem com que as relações de trabalho, especialmente por meio de aplicativos e plataformas, sejam extremamente líquidas hoje em dia. Nossos modelos sociais

e legais atuais já não dão conta de lidar com elas.

Querem um exemplo? No mês passado um juiz condenou a Uber a contratar por CLT todos os motoristas cadastrados. O processo já tinha sete anos e os motoristas se posicionaram contra! A resposta do presidente da associação de motoristas de aplicativo de São Paulo foi: “Hoje, os motoristas não querem ser CLT, esse modelo pode causar muitos danos para nossa classe. Vai tirar a liberdade e autonomia do motorista, que vai ser obrigado a trabalhar fazendo corridas em locais perigosos, por exemplo”.

Esses aplicativos são apenas um exemplo. Há tantos outros apps, há tantas outras maneiras de produzir excelentes conteúdos e oferecer bons serviços utilizando as tecnologias de informação! Mas qual é o meu ponto, então?

Há pouco, ao falar sobre como os produtores de conteúdos pornográficos se empenharam para colaborar com esses desenvolvimentos tecnológicos, a conclusão do professor Jason foi: “Somos criaturas lamentáveis/miseráveis, facilmente atacadas/devoradas”. Estou de acordo com a frase e com a sua aplicação – tanto para trabalhadores e trabalhadoras dessa indústria quanto para as pessoas que consomem seus produtos! E acho que a frase também se aplica aqui. Usuários e trabalhadores desses aplicativos são facilmente devorados em meio a todos esses processos estruturais e estruturantes.

Eu sei que não concordaremos com as respostas que precisamos dar a essas questões. Mas, como cristão, entendo que meu chamado fundamental é “buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça”, e a sua *Shalom*. Precisamos concordar pelo menos em ter a *Shalom* e o Reino como direção! Por isso, no meio de uma sociedade marcada pelo pecado, sinto-me na obrigação cristã pessoal de tomar decisões e ações pautadas pelos valores do Reino de Deus em dois níveis: primeiro, no nível individual, na maneira como uso esses aplicativos e me relaciono com as outras pessoas envolvidas com

eles; mas também no nível estrutural, assumindo um compromisso de solidariedade e compaixão com as pessoas que estão no “lado de baixo” desses desenvolvimentos tecnológicos.

Meu **segundo ponto** estava escondido na brincadeira sobre falar de pornografia numa sala cheia de irmãos, de pastores e professores de teologia. Assim como a FATIPI nos estimula, em seu manual de normas, sempre procuro utilizar uma linguagem inclusiva, falando de irmãos e irmãs, pastoras e pastores, professores e professoras. Mas, naquele momento, realmente quis, intencionalmente, falar sobre nós, homens. Falar sobre a questão de gênero e tecnologias.

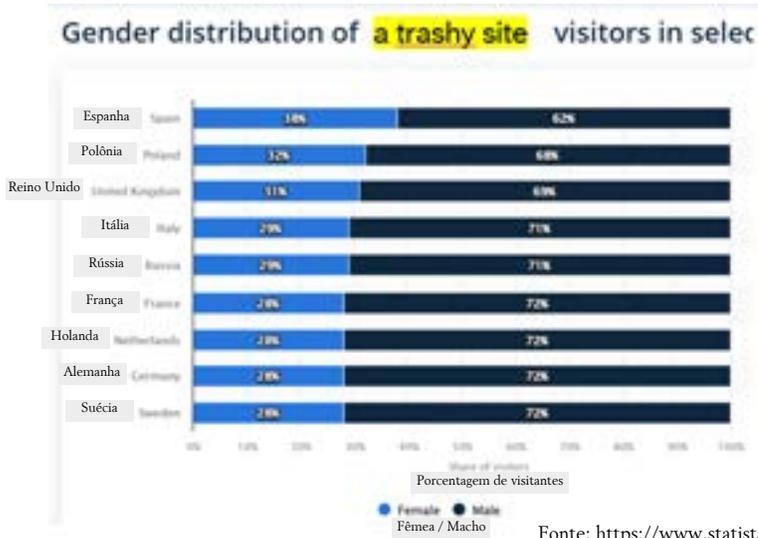
No recorte de hoje sobre o tema, o professor Jason nos estimula a pensar sobre a coisificação das relações sexuais, quando trocamos, em suas palavras, “os laços permeados pela graça do relacionamento familiar” pela “gratificação sexual sem promessas” da pornografia.

Apesar da minha brincadeira inicial com o ChatGPT, creio sim que esse é um tema multifacetado e que não é discutido com suficiente profundidade em nossos contextos. Há muitos ângulos possíveis, mas queria, uma vez mais, pensar nas questões estruturais e sistêmicas.

Quem são as pessoas usuárias de pornografia? E, mais uma vez, aqui, não estou falando de maneira individualizada, mas de maneira sistêmica. Bom, a resposta certa é que homens e mulheres, de distintas orientações sexuais, de diferentes religiões, contextos sociais, todas essas pessoas fazem uso da pornografia. Mas, ao citar o filósofo suíço Alain de Botton, o professor Jason mencionou literalmente algo importante: esse filósofo fala sobre como “a pornografia tira vantagem de um defeito/falha na mentalidade masculina”. E ambos estão certos! Sim, homens e mulheres consomem pornografia, mas esse consumo é mais alto entre homens. Na realidade, as pesquisas indicam um uso, digamos, “ligeiramente” maior por parte dos homens.

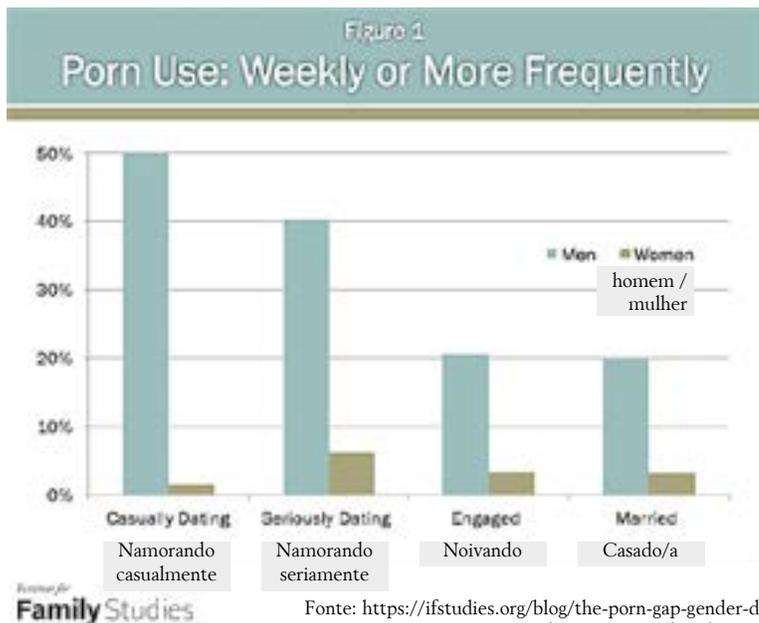
Veja esta pesquisa feita nos Estados Unidos em 2017:

Distribuição por gênero de visitantes de [um site lixo] em países europeus selecionados



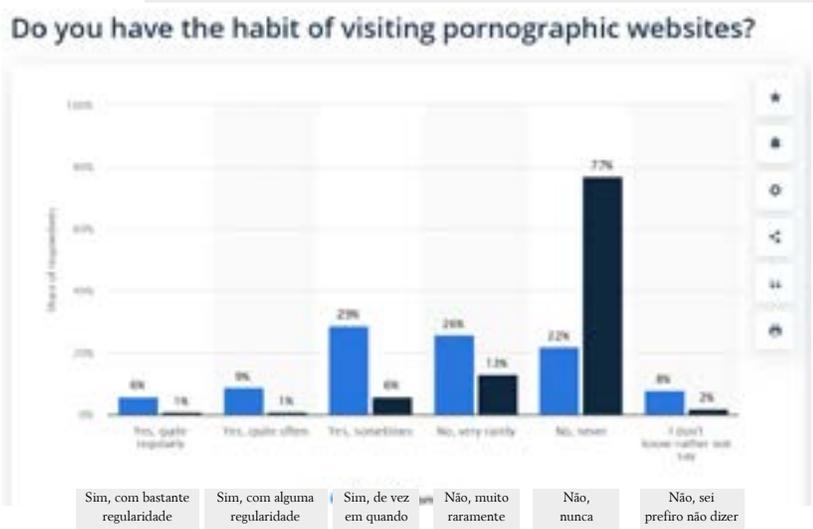
E esta feita na França, neste ano de 2023:

Uso de pornografia: semanal ou mais frequentemente



E, por fim, estes números sobre países europeus publicados em 2022:

Você tem o hábito de frequentar sites pornográficos?



Fonte: <https://www.statista.com/statistics/1099039/pornographic-websites-access-frequency-gender-france/>

Bom, realmente não quero focar aqui em um número específico, em definir uma porcentagem. Imagino que em algum lugar desses sites deve haver informações por país, e eu poderia encontrar informações do Brasil, mas a intuição que eu imagino que já compartilhávamos (ainda que não confessemos!) parece baseada em evidências: homens consomem mais pornografia do que mulheres. Bem mais.

O que eu leio na literatura escrita especialmente por irmãos em Cristo que buscam clareza sobre este tema é que o uso de tecnologias, por parte de homens, para subjugar, objetificar, usar e abusar do corpo de mulheres não é nada novo. Isso é verdade desde os cintos de castidade medievais até a explosão da pornografia digitalmente disponível em qualquer lugar, passando pelos métodos contraceptivos e pelas roupas esportivas. Isso sem falar de um sem-número de outras situações e criações tecnológicas

que, mais uma vez segundo pessoas que têm “lugar de fala” sobre o assunto, podem ser lidas como um exercício masculino e violento de controle e “desfrute” do corpo feminino.

Imagino que neste momento haja vários homens desconfortáveis neste salão por um discurso que pode não passar, para algumas pessoas, de algo “politicamente correto”; assim como deve haver várias mulheres pensando que não estou nem passando da superfície do problema. Mas, quando olhamos as Escrituras, parece haver eco aí! Quero voltar ao texto que o professor Jason citou agora há pouco:

Mateus 5:

<sup>27</sup> Vocês ouviram o que foi dito: “Não adulterarás”.

<sup>28</sup> Mas eu digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.

<sup>29</sup> Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno.

<sup>30</sup> E, se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno.

<sup>31</sup> Foi dito: “Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio”.

<sup>32</sup> Mas eu digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério.

Aqui mais uma vez a questão da linguagem inclusiva chama a atenção – pela sua ausência intencional! Sabemos que muitas vezes, nas Escrituras, a palavra “homem” realmente tem mais a ver com o sentido de humanidade. No entanto, neste texto especificamente,

há uma intencionalidade por parte de Jesus de chamar a atenção para a ação explícita, por parte dos homens da sociedade do seu tempo, de objetificar as mulheres, na linguagem de hoje. Graças a Deus avançamos em relação a alguns temas, mas em relação a outros, nem tanto.

Meu ponto aqui é que precisamos nos lembrar que as tecnologias são desenvolvidas por seres humanos pecaminosos, em meio a uma sociedade estruturalmente pecaminosa. Transferimos o paradoxo da nossa potencialidade para o bem, marcada pelo pecado, para as tecnologias que criamos. Reproduzimos nossos preconceitos, nossas violências, nossos abusos, através das tecnologias que criamos. Mais uma vez, como cristão, pessoalmente me sinto desafiado a buscar permanentemente o reino de Deus e a sua justiça, também no nível estrutural, assumindo um compromisso de solidariedade e compaixão com as pessoas que muitas vezes são engolidas por esses desenvolvimentos tecnológicos.

## Conclusão

Quero fazer um círculo quase completo e voltar lá para o começo da fala do professor Jason. Ele nos disse:

Esta noite argumentarei que as famílias podem de fato florescer numa era de idolatria digital. No entanto, precisamos que algumas pessoas digam “não” às telas, da mesma forma que a Igreja sempre teve algumas pessoas dizendo “não” a coisas como dinheiro, sexo e poder.

Quero reafirmar o que ele disse, a partir dos pontos que expressei aqui. Sim, pela graça de Deus, as famílias podem de fato florescer numa era de idolatria digital – famílias de bairros diferentes, de configurações diferentes, que dependem mais ou menos de aplicativos, todas elas podem florescer.

Sim, precisamos dizer “não” às telas – não somente desligando-as

em momentos-chave, evitando aplicativos ou sites que nos convidam a abandonar a nossa moral. Mas também aplicando o mesmo rigor moral cristão a coisas que vão além das imagens que aparecem, e que incluem uma preocupação com os valores fundamentais do reino de Deus e da sua justiça na luta contra as estruturas pecaminosas que fazem parte da nossa vida social.

E, por fim, sim, precisamos seguir dizendo não a coisas como dinheiro, sexo e poder. Como o professor Jason falou desde o primeiro dia, não se trata com isso de adotar uma vida monástica. E aqui estou plenamente de acordo com ele: as distorções que vemos em nossas sociedades muitas vezes são causadas pela busca irrefreada dessas três coisas.

# PALESTRA DE ENCERRAMENTO

26.10.2024

*Prof. Dr. Jason Byassee*

*Ph.D. in Religion, Duke University*

*Vancouver School of Theology*

É bom estar de volta com vocês por uma última vez neste Congresso Internacional de Teologia da FATIPI. Tenho argumentado que é importante agradecer pelo dom da tecnologia em nossa vida.

Há apenas um século não poderíamos contar com água potável, esgotos modernos, vacinas, cuidados dentários ou ginecologia e obstetrícia e capacidade médica para reduzir a mortalidade infantil. Esses são apenas alguns exemplos que melhoraram enormemente a vida humana.

Mas a conquista deles faz parte do nosso problema agora. Acharmos que deveríamos ser capazes de resolver todos os problemas com habilidade tecnológica. E alguns problemas não se resolvem desse modo, por exemplo: como ser um bom ser humano? Não há aplicativo para fazer bons seres humanos. E nunca haverá. Voltarei a esse ponto. Mas, por enquanto, uma pergunta que espero que vocês tenham se feito é: os cristãos podem celebrar a eucaristia online?

A questão parecia hipotética até antes da COVID-19. Zoom e outras tecnologias são ótimas, mas elas são insatisfatórias. Elas nos mostram a dádiva que é estarmos juntos, presencialmente – algo que antes parecia garantido.

As tradições que se inclinam para a presença real de Jesus Cristo na eucaristia tendem a desaprovar qualquer celebração virtual do sacramento. A questão é que Jesus reúne um povo, como seus antepassados judeus em torno da Páscoa, como seu povo reunido no banquete escatológico no fim de todas as coisas. Você não pode passar água, pão ou vinho pela tela de um computador. Nem ten-

te. Seja qual for a utilidade dos computadores, não finja que eles podem transmitir a graça sacramental da mesma forma que a água real, como o pão e o vinho fazem.

O grupo de protestantes que tem menos preocupação com rituais rapidamente afirmou que podemos comungar online. Para eles, durante uma peste como a COVID, as pessoas que estão distantes umas das outras se aproximam.

O corpo de Cristo é sempre um corpo virtual. Todos os santos se reúnem ao redor da mesa. E há sempre mais pessoas presentes do que podemos contar com nossos olhos físicos.

A igreja ao redor do mundo se reúne para esta celebração. O corpo de Cristo estende-se inimaginavelmente além da mera proximidade física de uma única mesa num edifício de uma igreja local.

O lar não é menos santo que a igreja. No batismo, todo cristão é sacerdote. Na verdade, esta pode ser uma oportunidade para os cristãos perceberem que as suas casas são locais de culto, e não apenas lugares para comer, dormir, fazer compras e armazenar coisas.

A mesa eucarística transborda espaço e tempo para incluir todos os nossos locais de trabalho e lazer e, eventualmente, incluir toda a criação. Portanto, vá em frente, participe da comunhão de casa. Isso pode até salvá-lo.

Essas visões concorrentes revelam nossas divisões ecumênicas em relação à catolicidade e ao protestantismo. Precisamos de um padre para... qualquer coisa? A ordenação ou o batismo formam um sacerdote? Cristo está “realmente” presente na eucaristia, e o que queremos dizer com presença “real”?

O que queremos dizer com “eucaristia”? Se um leigo substitui pão e vinho por batatas fritas e refrigerantes, isso proíbe de alguma forma que Cristo esteja presente?

Se as ênfases mais católicas ameaçam promover uma espécie de institucionalização ou mesmo burocratização da graça – nós,

clérigos, protegemos o nosso território –, as ênfases protestantes ameaçam realizar uma redução gnóstica da humanidade aos indivíduos e às nossas necessidades psicológicas percebidas.

Talvez o verdadeiro milagre seja que Cristo é a cabeça de um corpo tão rebelde como o nosso. E ainda assim ele nos chama de Um! Deus veio entre nós, em carne, para dizer isso.

Eu pessoalmente me inclino para um “não” à comunhão virtual. No entanto, quer comunguemos online, ou apenas presencialmente, Jesus Cristo, o nosso sumo sacerdote, nos chama de “um só corpo”. Isso é incrível!

Muitas vezes pedimos à tecnologia que desempenhe um papel que nunca deveria desempenhar: ser o salvador divino. Deem-nos vida, para que não morramos, ó cientistas.

Mas erramos ao esperar que a tecnologia cure todos os males. A tecnologia é uma maravilha, mantendo-nos vivos, garantindo-nos alimentos, transportes, saúde e segurança em graus que os seres humanos, na maioria das épocas, dificilmente seriam capazes de imaginar. Podemos ver por que as pessoas podem ficar tentadas a adorá-la.

Uma das lutas constantes nas escrituras de Israel é contra a idolatria. As pessoas estão sempre misturando a fé israelita com a dos seus vizinhos – construindo altares, adorando e sacrificando ali.

Bons reis em Israel não toleram a idolatria e derrubam os altares. Estamos adorando criaturas – derrubamos um altar, mas logo erguemos outro.

As Escrituras nos indicam práticas que nos ajudam a evitar a idolatria. [Guardar] o sábado é uma delas. Esta ordem para se observar o sábado e santificá-lo é a ordem mais repetida nas Sagradas Escrituras. E há uma razão. Ela é frequentemente negligenciada.

Alguém poderia pensar que o mandamento mais presente seria a proibição do assassinato ou do adultério. Mas não. É a santifica-

ção do sétimo dia. Considere a lista dos mandamentos em Deuterônimo 5:1-21. A maioria segue um estilo de marcadores, sem elaboração posterior.

Já a proibição contra a idolatria e o mandamento de honrar o sábado recebem explicações elaboradas. Israel é sempre tentado a lutar ou a casar-se com os seus inimigos.

Este somos nós, os seres humanos.

Portanto, não adore a nenhum outro deus, mesmo que ele seja adorado pela família ou pareça mais eficaz na busca por resultados que ela própria (5:8-10).

Honre o sétimo dia, não faça nenhum trabalho (5:12-15). Não só você, mas também seu filho, sua filha, seu escravo, escrava, boi, burro, gado, e o estrangeiro residente em sua cidade.

Isto é, o descanso não é apenas para o chefe da família. É também para os animais, o estranho e o escravo. É como um curto ano de jubileu, toda semana.

A razão é clara: “Lembra-te” (essa palavra novamente!) “Lembra-te que foste escravo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou de lá com mão forte e braço estendido” (5:15).

O Judaísmo segue a seguinte afirmação notável: o único Deus que existe intervém pessoalmente na história, para libertar os escravos. A conclusão é óbvia, mas quero deixar bem claro: tire um dia por semana de folga dos telefones... e várias horas por dia.

Escreva em seu e-mail apenas uma hora por dia – use a hora menos produtiva. A sabedoria do sábado existe para aprendermos como contestar o domínio dos telefones em nossa vida. E, quando alguém se recusar a usá-los, celebre-o.

Não é como se alguém se recusasse a usar um banco ou a medicina moderna – seria estranho, mas tudo bem. Alguém que não usa telefone é como alguém que recusa o casamento por amor a Jesus – uau, todos nós precisamos aprender com você!

Um amigo acabou de adotar essa prática do sábado e se viu envolvido em conversas mais profundas, mais ricas e mais alegres, do que havia experimentado em anos. Ele está cozinhando e em mais comunhão com a natureza. “Mal posso esperar até a próxima semana”, disse ele. Shabat shalom.

Mas, se a tecnologia é muitas vezes uma forma de idolatria, certamente deveríamos dizer “não” a ela como um todo, e não apenas num dia da semana ou algumas horas do dia.

Os críticos cristãos da tecnologia, muitas vezes, fazem parecer que a tecnologia é uma espécie de mal a que devemos resistir a todo custo. Na verdade, eles estão provocando a reflexão, afinal não estariam escrevendo em computadores e promovendo livros nas redes sociais.

A retórica dessas pessoas faz parecer que a chegada da tecnologia fosse em si a queda, conforme narrada em Gênesis 3. Um professor menonita começou a lamentar sobre a tecnologia em suas aulas. Achemos que ele estava reclamando do smartphone. Eventualmente, ele deixou claro que estava falando do alfabeto.

É maravilhoso. Não há como voltar. Mas ainda não reconhecemos a devastação que causou. Platão estava certo ao notar que, quando escrevemos, a nossa memória deteriora-se – as culturas não alfabetizadas muitas vezes memorizam grandes porções de histórias e escrituras.

Se ainda não conseguimos medir os danos que o alfabeto pode causar, quanto mais as ogivas nucleares?! A nossa atual revolução digital, por exemplo, deixa-nos, todos, num estado contínuo de atenção parcial.

As melhores mentes do mundo não estão se esforçando para curar a COVID ou o câncer, ou para lidar com as alterações climáticas – elas estão nos vendendo publicidade online.

O Vale do Silício nos enganou tanto que todos nós trabalhamos,

involuntariamente para o Facebook, Google, Instagram e outros gigantes da tecnologia, vasculhando alegremente oceanos de informações sobre nós mesmos sem qualquer compensação.

A realidade da liberdade de Israel, da partilha da riqueza da terra, está desfeita. Nem sequer sabemos que somos escravos, trazendo a nossa própria palha para o forno sob a forma de informações, até mesmo fotografias, dos nossos filhos, dos nossos cônjuges, de nós próprios, das nossas viagens, dos nossos gostos.

A promessa da tecnologia de tornar tudo mais fácil parece boa. Mas desfaz a disciplina e os limites que adornam qualquer coisa que valha a pena ter ou fazer. Os deuses em nossos bolsos nunca nos forcem a fazer o trabalho árduo de nos tornarmos mais humanos, mais amorosos, mais sensíveis às viúvas e aos órfãos e ao estrangeiro. Eles nos encorajam a fazer a curadoria de um retrato mentiroso de nós mesmos nas redes sociais, ao mesmo tempo que nos vendem coisas através dessas mesmas redes sociais.

Os dispositivos são projetados para nos fornecer uma carga de dopamina de vez em quando, como ratos recompensados aleatoriamente em algum experimento. Quantas vezes por dia verificamos esses dispositivos novamente? E no que nos tornamos, afinal?

Talvez devêssemos nos levantar e dizer não, e abandonar completamente a tecnologia? A igreja sempre teve algumas almas corajosas que se posicionaram assim – teimosamente –, profeticamente e por razões de convicção cristã básica.

Essas pessoas são chamadas de monges e freiras. Ao longo do cristianismo, houve mulheres e homens que abriram mão do dinheiro, do sexo e do poder, jurando pobreza, castidade e obediência no caminho de Jesus. Às vezes, estes se agruparam em comunidades chamadas mosteiros. Outras vezes, viveram como ermitões.

Se Jesus realmente ressuscitou dos mortos para inaugurar o seu reino, é preciso que alguns de nós vivam uma forma de vida

radical enquanto aguardamos o seu regresso (talvez até viver sem computador).

Agora tenha cuidado aqui – os monges de nossos dias usam a tecnologia digital de maneiras bastante criativas, como os monásticos sempre foram.

Eles usam websites para atrair potenciais noviços ou para vender os seus produtos (o monasticismo beneditino no cristianismo ocidental sempre insistiu que as casas monásticas têm de se sustentar financeiramente).

Os monges costumam ter celulares e redes sociais. O monasticismo de hoje pode ser um tipo muito diferente, embora totalmente dedicado ao relacionamento corporificado e aos sacramentos como o único tipo de mediação.

Precisamos que alguns cristãos prometam dissociar-se da tecnologia que enreda o resto de nós. Apenas alguns de nós mostrarão que a plenitude da vida não está no telefone, mas no rosto de outro ser humano.

A principal forma de entretenimento para as gerações Y e Z e mais jovens é transmitir vídeos em seus telefones. Alguns gastam centenas de horas por ano fazendo isso. Uma hora por semana de pregação em uma igreja pode fazer muito pouco contra esse ataque de pixels tremeluzentes. Os algoritmos discipulam nossos jovens.

Eles recorrem ao mecanismo de busca do Google para descobrir como convidar alguém para sair, o que é sexo, qual é o sentido da vida. Por que não fariam isso? É muito mais fácil e menos constrangedor do que perguntar a um ser humano de carne e osso.

Os jovens estão usando “as telas em seus bolsos como conselheiros, artistas, instrutores e até mesmo educadores sexuais, entre muitas outras funções”, diz David Kinnamon. E não apenas os jovens.

Qual é a resposta? Não apenas mais disciplina individual, embora isso deva acontecer. Não apenas uma família que organiza seus

móveis, horários e desejos de maneira diferente, embora, como Crouch deixa claro, isso ajude. Também precisamos de uma igreja que se esforce para nos ajudar a sermos diferentes da Babilônia digital em que vivemos.

O problema é que a Igreja tem, muitas vezes, tentado apelar aos jovens, dando-lhes entretenimento, pedindo pouco deles, baixando a régua do discipulado para que eles possam caminhar na fé sem o mínimo esforço, ou para que nada seja imposto contra a sua vontade.

O problema é que ninguém se deixa enganar pelos líderes da igreja que se mostram como celebridades ou simples gestores. Muitas vezes perdemos os nossos jovens mais brilhantes dessa forma. O filho de um amigo começou a ler Dietrich Bonhoeffer na faculdade. Ele perguntou aos pais: “Por que não aprendi isso com o grupo de jovens, ao contrário, com eles fiquei apenas jogando queimada?”.

A participação na vida da igreja é como um conjunto exigente de relacionamentos. Aqueles que são resilientes em sua fé têm muito mais probabilidade de ter amigos mais velhos que os ajudem a discipulá-los como crentes.

E este discipulado não vai apenas num sentido – Kinnaman e outros amigos insistem no “discipulado recíproco”. A melhor maneira de aprender qualquer coisa é ensiná-la. Kinnaman sugere que as pessoas mais velhas mostrem o trabalho duro em seu discipulado. Onde eles erraram? O que eles aprenderam da maneira mais difícil? Como eles aconselham seus amigos mais jovens a viver agora?

É tolice pensar que um mecanismo de busca pode criar discípulos. Um discípulo mais velho pode. Ou um mais jovem. Bem utilizadas, as conexões digitais podem servir as pessoas de carne e osso.

A segunda carta de João diz o seguinte: “Embora tenha muito que vos escrever, prefiro não usar papel e tinta; em vez disso, espero ir até vocês e conversar com vocês cara a cara, para que nossa alegria seja completa” (2 João 12 – com agradecimentos a John Dyer aqui).

Na Bíblia, o escritor prefere estar pessoalmente com a igreja. Mas ele não pode, então ele escreve esta carta, que passa a fazer parte da Bíblia. Essa epístola foi uma forma de comunhão virtual. O escritor e a igreja estão "juntos" a distância na forma de uma epístola tecnologicamente habilitada (uma tábua de cera transformada em pergaminho, entregue pelo correio nas estradas romanas e por barco, lida ao grupo por uma pessoa alfabetizada, preservada em um pergaminho e depois em um manuscrito de valor inestimável).

Não somos antitecnologia, mas sim antitolice, como diz Kinnamon. A presença cara a cara é uma coisa boa. Mas a presença virtual é uma opção boa o suficiente de modo que grande parte da Bíblia foi formada originalmente para esta finalidade. Embora 2 João seja curto, Romanos não o é – e Paulo o escreveu para uma igreja que ele ainda não conhecia.

Tornou-se um pouco preguiçoso dizer que a educação eclesial ou teológica só pode ocorrer pessoalmente.

Lembro-me de um colega brincando: "Recuso-me a ministrar meu curso, chamado teologia da encarnação, online". Mas, como todos aprendemos muito bem durante esta recente pandemia, estar online também é uma experiência incorporada.

Temos que aproveitar. Usar nossos olhos. Concentrar-nos. Fazer anotações. Falar e ouvir. É incorporado, ainda que de forma diferente, mediado por pixels, fibras e máquinas que pessoas leigas não conseguem entender ou reparar.

Mas não é exatamente desencarnado. É até presencial. Esses são os rostos de outras pessoas que vemos no Zoom. Não podemos tocá-las ou cheirá-las. Mas essa comunicação também não é fora do corpo nem anônima. Muitas vezes é presencial. E muitas vezes é uma boa alternativa.

Na igreja não somos contra a mídia. Na verdade, nós a inventamos: nosso Deus é o mediador entre a humanidade e a divindade.

Deus se revela através da corporeidade – criação, Israel, Jesus Cristo, a igreja. Ícones, sacramentos, sinais e maravilhas, glossolalia.

Quando o povo de Deus tenta ver Deus face a face, as coisas vão mal. Não podemos ver o Deus vivo e esperar viver por nós mesmos (Êxodo 33:20). No entanto, Deus está constantemente a partilhar o seu Eu, geralmente de formas que não esperamos — e geralmente de formas mais humildes do que poderíamos ter imaginado.

As Escrituras prometem que todos esses vislumbres mediados de Deus um dia serão substituídos pelo conhecimento face a face (Mateus 5:8; 1 Coríntios 13:12). Enquanto isso, devemos viver a partir da mediação de Deus. E devemos nos deleitar com isso. Como Deus o faz.

E ainda não deveríamos comungar online. Isso atende aos nossos piores impulsos como Protestantes de reduzir a igreja ao consumismo individual e às ideias gnósticas em nossa cabeça ou ao conforto em nosso coração. O vasto evangelho cósmico da nova criação de Deus se reduz a mim e a Jesus e a ideias que me fazem ir para o céu e me sentir feliz enquanto isso.

Resista. Dito isso, no meu primeiro domingo em uma nova igreja em Vancouver, fui convidado a liderar a comunhão online. O pastor titular não perguntou se eu queria. Então eu apenas o saudei e disse: “Sim, senhor”. Claro que publiquei opiniões contra isso, mas a obediência supera as minhas opiniões.

E quanto à pregação? Podemos fazer isso online? Depende do que queremos dizer com pregação. Deixe-me compartilhar uma definição: a pregação anuncia que Deus, em Cristo, está curando todo o cosmos.

Todos os que estão ouvindo podem participar dessa obra de cura pelo Espírito. Esse tipo de pregação acontece na igreja, aos domingos, à medida que abrimos a Bíblia junto com o povo de Deus.

Mas não só lá. Ver Jesus pregar também acontece onde as pessoas

trabalham, como pescadores, agricultores e fariseus. Acontece na estrada, muitas vezes acompanhado de sinais e maravilhas como a cura dos enfermos.

A pregação acontece à mesa, junto com o lavar, a unção e o beijo dos pés. Acontece a partir da cruz. E isso acontece em sua ressurreição. Se isso não acontecer através de nós, acontecerá de outra forma – até as pedras clamarão (Lucas 19:40).

Deus promete fazer por toda a criação o que fez por Jesus. A pregação simplesmente anuncia que esta ressurreição e transfiguração do cosmos está chegando e, de fato, já está aqui.

Essa pregação pode acontecer até no computador. Porque não há porção da criação que não pertença ao Deus que fez tudo e está redimindo tudo. Deus é muito menos discriminador do que nós em relação à cura da criação. Deus simplesmente repara o que arruinamos, anunciando isso através de todas as pessoas erradas, através de todos os tipos de meios não autorizados.

Alguns relatos durante a pandemia têm sido de um crescimento notável, quase milagroso, da igreja. Um amigo prega regularmente para 250 pessoas aos domingos. Cerca de 2.000 pessoas sintonizaram seus sermões durante a quarentena.

A internet nem sempre pode dizer quem são essas pessoas. Ex-membros que se mudaram? Pessoas nos encontrando aleatoriamente na web?

Meu amigo sabe de uma coisa: pregar dessa maneira é mais parecido com uma apresentação na televisão do que qualquer coisa que ele já tenha feito pessoalmente. Ele está pregando sem pastorear. Ele não consegue ver seus rostos, nem saber se a mensagem está chegando às pessoas. No entanto, existem benefícios.

Mais vozes podem participar da produção da adoração (a escolha das palavras é significativa). Leitores das Escrituras, pessoas que oram e músicos podem mudar mais facilmente do que num

culto presencial.

Há muito mais pessoas não remuneradas do que antes. Meu amigo cita Andy Crouch, que sugere que a nossa adoração neste momento terá que ser global, com ênfase no valor da produção, e também local, com ênfase no relacional.

Ele raramente passava tempo ao telefone ligando para as pessoas que estão na lista de membros, perguntando como estão ou se podia orar com elas. Mas agora, sim.

Talvez, como o domingo passou a ser uma produção online, ele se sinta mais à vontade até para pedir dinheiro. A pandemia transformou todos nós em televangelistas.

Um outro amigo é estudioso das Escrituras. Ele está em seu primeiro cargo de professor em uma pequena cidade que fica a quilômetros de qualquer pessoa que queira estudar as Escrituras em hebraico.

Ali, a pandemia trouxe um presente inesperado. De repente, agora, ele está engajado no estudo semanal da Torá com pessoas de todo o mundo: Israel, Austrália, América, Canadá. Eles devoram as palavras, os tempos verbais, as raízes, os possíveis matizes de significado.

Todos na chamada conseguem acompanhar, e ninguém precisa de suporte no hebraico. Esse grupo de estudo da Torá é um pouco como o reino vindouro – judeus, cristãos e outros estudando juntos –, e isso não teria acontecido sem a tecnologia.

Por outro lado, tenho um terceiro amigo que serve num ministério corajoso e orientado para a justiça social. Sua igreja é referência para organizações comunitárias na cidade.

Eles continuaram servindo mesmo com o lockdown da COVID, especialmente na época latente do Black Lives Matter. E atuavam, principalmente, de modo virtual.

Eles consideram o trabalho no bairro como o mais importante. Caminhavam juntos e cumprimentavam os vizinhos nas varandas

(respeitando o distanciamento social adequado, é claro).

As pessoas que normalmente não gostavam de conversar com ativistas estavam subitamente desejosas por falar com alguém e então se abriam. Isso é um começo, um passo no caminho para o reconhecimento mútuo da amada comunidade de Jesus no meio de uma cidade.

O Cristianismo é uma fé inerentemente mediada. Tudo o que existe é comunicação. Não há acesso direto ao Deus de Israel, que foi encarnado em Jesus Cristo.

Nós nos aproximamos de Deus mediados por meios materiais: um pedaço de pão, um gole de vinho. Assim, Jesus entra em um mundo de relacionamentos rompidos com uma refeição reparadora.

Na Última Ceia, Jesus preparava os seus discípulos para a sua paixão, quando o seu corpo seria dilacerado, o seu sangue derramado, a sua personalidade divina unida a todas as outras dilaceradas, derramadas, descartadas. Mas seu corpo dilacerado e esvaziado seria então preenchido com a vida ressurreta.

Quando nós nos reunimos para os cultos, também somos tomados por sua vida ressurreta – uma vida que oferecemos e testemunhamos ao mundo. Deus está trabalhando para reunir, reparar e preencher o que agora está espalhado, rasgado e esvaziado. Mas não sem “este pão”, “este vinho”, “este corpo” e todos os outros corpos também.

O Deus da Bíblia ama a mediação. Deus só aparece “através”, nunca sozinho, apenas “com”, nunca desacompanhado. Deus escolhe, se casa e se recusa a separar-se de seu povo. Deus fortalece essa escolha ao escolher nascer de uma mulher daquele povo.

Os estudiosos chamam isso de o escândalo da particularidade: Deus tem endereço. Deus se fez presente em nós (Michael Wyschogrod). O Deus que não pode ser contido se estabelece em um local.

O individualismo ocidental quer sempre reduzir as coisas ao “eu”,

ao solo, é isso que é o individualismo. Deus está sempre trabalhando para expandir para o corporativo, para o nós, o corporificado, o mútuo. Isso é quem Deus é.

Deixe-me voltar à água potável e ao tratamento de esgoto confiável, sem os quais muitos de nós aqui não estaríamos vivos. Esse avanço tecnológico foi um milagre, uma questão de vida e morte. Ao resolver isso, reduzimos a mortalidade infantil de 8 mortes de 30 mulheres antes dos 5 anos para 0,5 no século XX.

Esses benefícios ainda não são universalmente usufruídos, mas serão um dia. Deveríamos agradecer a Deus pelas pesquisas científicas e pelas obras públicas por parte dos governos, das universidades e das empresas que tornaram isso possível.

E quando essas mesmas organizações tentarem resolver a morte, ou tentarem decidir quem deve viver e quem deve morrer, ou tentarem pedir que adoremos aos nossos líderes, ou a outros deuses além do único Deus de Israel, encarnado em Jesus, devemos estar prontos para dizer não.

Também somos chamados a ensinar aos nossos vizinhos a dizer não. Os ídolos sempre nos tiram a vida. Jesus, nosso Deus, restaura a vida. E o mundo pode precisar que saibamos a diferença.

# REAÇÃO À PALESTRA DE ENCERRAMENTO

*Dr. Juliano Spyer<sup>16</sup>*

Agradeço a todos e a todas que trabalharam para que este evento acontecesse. Agradeço à equipe da Faculdade de Teologia de São Paulo, especialmente ao diretor, professor Marcos Nunes da Silva, pelo convite, ao amigo e pastor Valdinei Ferreira pela confiança e pela nossa parceria que já faz aniversário, e ao nosso expositor, ministro Jason Byassee, por ter aceitado compartilhar este espaço comigo e conversar sobre os temas importantes que ele levantou em sua fala.

Para quem não me conhece, sou antropólogo e, há exatamente dez anos, mudei-me para um bairro trabalhador na periferia da Grande Salvador, onde morei durante 18 meses para coletar dados para minha pesquisa de doutorado. Em nenhum momento antes de chegar lá, eu considerei pesquisar sobre religião, mas essa é uma das belezas do trabalho de pesquisa antropológica: a realidade se impõe aos planos do pesquisador, e como não prestar atenção nesse tema? No bairro em que vivi, havia uma Igreja Católica, nove terreiros de candomblé e mais de 80 igrejas evangélicas num raio de 5 km do centro.

Falo, então, não como um religioso, mas como cientista social e antropólogo. Meus argumentos partem de referências bibliográficas diferentes das do professor Jason Byassee e de outras áreas do conhecimento.

Li atentamente várias vezes o texto que o professor Jason Byas-

---

<sup>16</sup> Historiador. Mestre em Antropologia Digital pela University College London, UCL, Grã-Bretanha. Doutorado em Antropologia Digital pela University College London, UCL, Grã-Bretanha. Pesquisador do Centro de Pesquisas em Consumo e Sociedade – Cecons/UFRJ, colunista da Folha de SP e consultor.

se reproduziu para este terceiro encontro dele. Seu argumento nos apresenta como é complexa a relação entre religião e religiosidade e tecnologia.

Acompanhando o raciocínio dele, vemos uma correlação entre o Gênesis bíblico e o mito grego de Prometeu. No primeiro caso, Adão e Eva são expulsos do paraíso porque comem o fruto da árvore que lhes permite ter discernimento. No caso grego, a transmissão do fogo de Prometeu para os humanos nos traz independência dos deuses e, até certo ponto, o acesso a um poder (que hoje podemos chamar de “científico”) paralelo aos dos deuses. Mas esse conhecimento vem também com um preço: os males da terra estavam presos e são libertados por Pandora, no caso grego. Nos dois exemplos, é alto o preço por se ter acesso ao conhecimento, à tecnologia, à independência de pensamento.

Essas são histórias antigas, mas que continuam produzindo reflexões novas, por exemplo, como a que nos apresentou, aqui, o professor Jason Byassee.

Tecnologia e conhecimento salvam vidas, tecnologia e conhecimento destroem vidas. Vemos exemplos desses dois lados da mesma história nos noticiários. Mas o professor Jason Byassee não abre mão de se posicionar sobre essa polêmica, como fez no final de seu argumento. Ele disse:

“O Deus da Bíblia ama a mediação. Esse Deus só aparece por meio, nunca sozinho, somente com, nunca desacompanhado.... O individualismo ocidental sempre busca reduzir as coisas ao ‘eu’, ao ‘mim’, ao solitário; é isso que o individualismo é. Deus está sempre trabalhando para expandir-se para o coletivo, o nós, o encarnado, o mútuo. Isso é quem Deus é.”

O problema, ele aponta, não é exatamente a tecnologia,

porque a tecnologia possibilita novos encontros. A tecnologia – refiro-me à tecnologia de comunicação por vias digitais – não nos isola, não nos deixa sozinhos, mesmo quando parecemos estar sozinhos usando o celular silenciosamente. Estamos frequentemente nos relacionando com outras pessoas.

O professor Jason Byassee se refere a uma tendência muito anterior à existência dos computadores. Durante milhares de anos, dependemos de laços fortes – de familiares, por exemplo –, em grupos de pessoas para sobreviver, mas isso vem mudando gradualmente, ao longo dos séculos. O progresso material parece levar a um processo de individualização. Já não precisamos viver em grupos maiores. Compramos essa segurança – pelo menos aqueles que têm dinheiro para isso. Compramos o carro para nos movermos de maneira rápida e protegida; compramos planos de saúde privados para quando ficamos doentes; compramos educação para termos, individualmente, nossas profissões e não dependermos da ajuda dos outros. Essa é uma tendência de muitas gerações e que é discutida, por exemplo, pelo sociólogo Robert Putnam em seu livro “Bowling Alone.”

As relações sociais continuam existindo, mas os vínculos mudaram. Parece que agora temos dependido mais de relações passageiras – delinks fracos – do que de relacionamentos de longo prazo – os links fortes. E é compreensível que seja assim, em certa medida. Quem já viveu, por exemplo, em uma cidade pequena, em que todas as pessoas se conhecem e vigiam a vida uns dos outros, sabe que há um preço alto para desfrutar da segurança desses grupos. E igrejas, em muitos casos, representam esses espaços em que as pessoas convivem umas com as outras por muitas gerações. Não é por acaso que, na literatura antropológica, usa-se o termo “camisa de força” para se referir metaforicamente ao ambiente das igrejas, em que as pessoas se controlam umas às

outras. Isso é necessário e útil para quem busca a igreja vindo de situações de dependência de substâncias, por exemplo. Vigiar uns aos outros serve para esse propósito.

Para debater sobre o tema proposto para este evento, vou apresentar ao professor Jason Byassee duas informações que podem ser novidades para ele sobre a religião no Brasil: a primeira é que igrejas são os espaços em que os brasileiros mais confiam. A outra é sobre o contexto, o motivo que faz com que igrejas tenham, de certa forma, tomado o lugar das famílias para muitos brasileiros.

Professor Jason Byassee, o número de evangélicos no Brasil cresce de maneira acelerada. Vivemos aqui um experimento social único: este país está trocando de religião de uma maneira muito rápida. Somos ainda, eu acho, o maior país católico do mundo. Mas o número de católicos está caindo. Eram mais de 90% nos anos 1970, e neste momento representam aproximadamente 50% dos brasileiros. Protestantes, por outro lado, eram em torno de 5% há 50 anos, e hoje representam mais de um terço dos brasileiros. Se a Alemanha é o berço da reforma protestante, podemos dizer, apenas em parte como brincadeira, que o Brasil vive uma revolução protestante.

Esse crescimento, professor Jason Byassee, vem acontecendo em paralelo com um outro evento, considerado o fenômeno social mais importante do Brasil no século XX pelo antropólogo Guilherme Velho. Nos finais dos anos 1940, uma parte da região nordeste do país começou a atravessar um período de seca que durou vários anos. Essa grande extensão de terra era lar principalmente de agricultores pobres, analfabetos e, do ponto de vista religioso, católicos. Ainda hoje essa é a região em que o catolicismo ainda resiste ao crescimento do protestantismo. Como essa seca durou décadas, ela produziu a migração/deslocamento de cerca de 20 milhões de brasileiros. Esse processo intenso levou

milhões de pessoas de origem rural a se transferirem não apenas para as cidades, mas para os bairros mais distantes e menos assistidos pelo Estado. Há menos soluções de transporte público, menos hospitais, menos ruas asfaltadas, menos policiamento e menos praticamente tudo.

Aqui usamos o termo periferias para nos referirmos a esses espaços nas cidades. Se você observar, por exemplo, uma foto de satélite da cidade de São Paulo no Google Maps, verá o que chamamos de “centro estendido”, que aparece em verde, porque tem árvores, no miolo central da cidade, e as áreas periféricas, maiores e distantes do centro, da cor de barro vermelho, com casas muito próximas e sem espaços verdes.

Menciono esse fenômeno porque há uma relação entre o crescimento do protestantismo e esse fluxo inesperado de pessoas, do interior do nordeste para os centros urbanos, principalmente no sudeste do país. Originalmente essas pessoas dependiam muito de arranjos familiares tradicionais para sobreviver. Refiro-me ao conceito de famílias estendidas, que são as redes de vínculos familiares para além de pai, mãe, filhos, avós e tios. Essas redes incluem, por exemplo, vizinhos, padrinhos e outros tipos de agregados. Ao migrar da zona rural para a cidade, muitas dessas pessoas se distanciaram de seus vínculos familiares e da segurança que eles oferecem.

Nas áreas periféricas não havia nem igrejas católicas para eles frequentarem. É exatamente nesse momento que o protestantismo começa a crescer aceleradamente no Brasil. E ele cresce, pelo menos em parte, porque, além do conforto espiritual, igrejas oferecem experiências semelhantes às familiares – igrejas significam espaços de maior segurança e proteção. Igrejas oferecem, além de conforto espiritual, conforto de muitos outros tipos, também úteis para a sobrevivência: conforto emocional,

conforto para a mãe que vai trabalhar e sabe que seu filho não estará sozinho em casa ou na rua, porque ele pode estar na igreja; conforto para aqueles que perdem o emprego, para os que têm parentes alcoólatras, conforto para aqueles que querem estudar ou apoio para microempresários que querem abrir seus negócios. A igreja, então, restabelece vínculos familiares – links fortes – entre pessoas que não são da mesma família, que estão distantes de suas famílias e em espaços desprotegidos. E nas igrejas elas se ajudam mutuamente.

Foi isso, professor Jason Byassee, que me fez prestar atenção nesse fenômeno. Perceber como acontecia ali aquilo que passei a chamar de “milagres sociais”: a redução da violência doméstica associada ao consumo de álcool, o estímulo ao estudo e ao aperfeiçoamento profissional e o espaço para dependentes de substâncias e pessoas vinculadas ao crime se reinserirem na sociedade. Eu vi esses milagres, e eles acontecem. Não preciso acreditar, eles acontecem, e é por isso que me envolvi com esse assunto.

O segundo dado que falei acima é relacionado ao que apresentarei agora. Igrejas são os espaços em que os brasileiros depositam mais confiança. Segundo uma pesquisa de 2020 do Latinobarômetro, brasileiros confiam apenas 5% em pessoas que eles não conhecem, confiam apenas 5% no Poder Legislativo e na polícia, confiam 10% no Poder Executivo, 11% no Judiciário, 16% nos meios de comunicação e mais de 40% na igreja. Entendo, professor Jason Byassee, que essa confiança está relacionada ao que eu disse sobre a igreja ter reconstruído os vínculos familiares de pessoas que aprenderam a depender muito de suas famílias, e rapidamente, por causa da migração para a cidade, perderam a proteção de suas relações familiares.

Espero não ter levado esta conversa para um lugar muito distante de onde você concluiu a sua reflexão, professor Jason

Byassee. Você se pergunta e nos pergunta sobre o que traz as pessoas para perto umas das outras nas igrejas. Por que elas estariam trocando esses espaços por outros de socialização? Por que vínculos fortes nas igrejas são abandonados em favor de vínculos fracos constituídos em ambientes de trabalho, de estudo ou de convívio social, como bares e outros espaços de socialização?

A boa notícia, professor Jason Byassee, é que a igreja evangélica no Brasil não está se esvaziando, como parece estar acontecendo nos EUA e no Canadá. Ao contrário, como eu disse, o Brasil está em vias de se tornar, espontaneamente, um país em que o maior grupo religioso do país é protestante. Todos os dias, abrem em média 17 novas igrejas no Brasil. O bairro em que eu morei é exemplar nesse sentido, porque não são só as megaigrejas que estão presentes. Igrejas chamadas pelos técnicos do censo de “pentecostais de denominação desconhecida” avançam mais velozmente do que todas as outras. São essas pequenas igrejas de bairro, aquelas que têm apenas um templo, que abrem caminho para as outras. É o que concluiu o cientista político Victor Araújo em uma pesquisa publicada neste ano.

No Brasil, o que enfraqueceu a relação entre evangélicos dentro de suas igrejas nos últimos anos foi o envolvimento da igreja com o debate político. Brasil e EUA, nesse sentido, vêm caminhando lado a lado: o debate sobre costumes dividiu a sociedade.

Li recentemente sobre o que vem sendo chamado nos EUA de “The Great Pastor Resignation.” (Em português, o grande fenômeno de demissão em massa de pastores.) Você deve estar acompanhando esse fenômeno no seu país. E me lembro de um comentário feito pelo ex-pastor Dan White Jr. ao The New York Times para explicar o que vem causando essa ruptura de vínculos. Ele diz que os membros das igrejas estão hoje mais influenciados pelo que leem e conversam na

internet e pelo que assistem em canais de TV a cabo do que pelo que os pastores levam para suas pregações nas igrejas. Este é um dos motivos para pastores estarem vivendo problemas de saúde mental e também para membros das igrejas romperem vínculos com suas congregações.

Então me pergunto, professor Jason Byassee, o que vem causando esse fenômeno? Certamente as telecomunicações hoje, amplificadas pelas possibilidades abertas por serviços de redes sociais parecem ser parte desse problema. Parecem ser parte disso no sentido que, aparentemente – digo aparentemente porque não sou pesquisador desse campo – algoritmos de empresas como Meta e TikTok estimulam o engajamento a partir de temas que produzem disputas e discordâncias. Quanto mais as pessoas antagonizam umas com as outras, supostamente elas usam mais esses serviços. Não sei se isso é verdade, gostaria de entender melhor.

Eu desejo, professor Jason Byassee, que a solução para a polarização seja simples, entre aspas; simples no sentido de que possamos afirmar de maneira conclusiva que a polarização que vem se acentuando no nosso continente e em outros esteja relacionada à maneira como serviços online, como Instagram, Facebook e TikTok, funcionam. Porque daí temos um alvo, uma meta, um desafio, uma missão clara. Se for esse um motivo importante para a polarização que também afeta as igrejas, ficamos, no Brasil, com um problema maior do que nos países em que essas empresas foram fundadas e operam, porque os representantes dessas empresas têm recursos para fazer lobby com políticos, e a sociedade civil é menos articulada por conta da pobreza.

Fico tentado a buscar outras soluções para essa questão, mas essa é a que me parece ser mais convincente. É preciso diagnosticar a respeito, indo além do esforço para separar tecnologias boas das que são ruins. Mas saber disso, em si,

não significa ter a solução para o problema, considerando que o inimigo, nesse caso, é uma indústria poderosa. Mas está aí, professor Jason Byassee, outra razão para estarmos juntos. Além de orar, podemos também pensar juntos.

Obrigado novamente a você, professor Jason Byassee, e à audiência que teve a paciência de me escutar.



**FATEPI**

Faculdade de Teologia de São Paulo  
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

